



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**ANGÚSTIA E INIBIÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UM CASO
CLÍNICO**

Adir Ferreira de Lima

NATAL-RN

2013

Adir Ferreira de Lima

**ANGÚSTIA E INIBIÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UM CASO
CLÍNICO**

Dissertação elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Cynthia Pereira de Medeiros e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

NATAL-RN

2013

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Lima, Adir Ferreira de.

Angústia e inibição: considerações a partir de um caso clínico / Adir
Ferreira de Lima. – 2013.
103 f. -

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Natal, 2013.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cyntia Pereira de Medeiros.

1. Psicanálise. 2. Angústia. 3. Inibição. I. Medeiros, Cyntia Pereira de. II.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A dissertação “ANGUSTIA E INIBIÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO”, elaborada por Adir Ferreira de Lima, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal/RN, 27 de junho de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cynthia Pereira de Medeiros
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Celina Peixoto Lima
(Membro Externo)

Profa. Dra. Cynara Teixeira Ribeiro
(Membro Externo)

À Alice e ao Leon por trazerem um lindo recomeço a nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

À Melina, que a partir de seu percurso, oportunizou-me suportar a angústia, a dela e a minha, e à minha analista que, ao lançar-se na difícil e tão bela arte de escutar, permitiu que nela eu pudesse-me re-fazer, fazer que teve como produto o presente estudo.

À minha orientadora, por estar sempre acatando novos desafios, e trilhar comigo este percurso teórico, possibilitando que esse trabalho atingisse sua forma e conteúdo finais.

Aos meus filhos, Adjama e Makson, pela compreensão nos momentos em que estive ausente e pela colaboração na formatação deste trabalho. E, especialmente, a Adjama, por sua constante presença nos momentos difíceis.

A Juvaneide, minha amiga e colega de mestrado, pela interlocução e por dividir comigo as incertezas suscitadas na elaboração de nossos trabalhos.

A Liette, atual diretora do SEPA, pela compreensão, confiança e apoio para que eu tivesse o tempo que a escrita exige.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – TRAUMA, DESAMPARO E ANGÚSTIA	20
1.1 – O trauma e o desamparo na psicanálise	20
1.2 – A angústia em Freud	25
CAPÍTULO 2 – A ANGÚSTIA EM LACAN	44
CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS DESVIANTES À ANGÚSTIA	63
3.1– O ideal do EU, I(A)	69
3.2 – A fixação à imagem especular, i(a)	70
3.3 – A significação do Outro s(A):	73
3.4- A fantasia - $\$ \langle a \rangle$	76
CAPÍTULO 4 – A INIBIÇÃO PARA A PSICANÁLISE.....	78
4.1- A inibição em Freud.....	78
4. 2 – A inibição em Lacan.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir, a partir de um caso clínico, a articulação entre a Angústia e a Inibição, à luz da psicanálise. Partindo do trauma como fator fundante do psiquismo e desencadeador do estado de desamparo, destacamos a castração, como marca de um perigo a ser recalcado, até chegar à angústia primitiva, afeto que prepara o caminho para a emergência do sujeito. No primeiro momento, abordamos a evolução do conceito de angústia em Freud, ressaltando o modo como ele a articulou à inibição e ao sintoma, marcando, ainda, a diferença entre a angústia, como consequência direta do momento traumático, e como sinal de uma reprodução do trauma originário. Em seguida, investigamos o conceito de angústia em Lacan, enfatizando os avanços conceituais promovidos para o mesmo, notadamente no Seminário X; destacando-se a introdução do conceito de objeto *a* e os desdobramentos dessa invenção teórica. No segundo momento, focamos no conceito de inibição em Freud, seguido pela leitura lacaniana a esse respeito. Finalmente, refletimos acerca da delimitação que o conceito de objeto *a* dá às possíveis relações entre sujeito e objeto, buscando extrair algumas consequências clínicas das respostas que o sujeito constrói frente ao enigma do desejo do Outro, entre as quais a inibição e a angústia, articulando, desse modo, o caso clínico às discussões levantadas.

Palavras-chave: psicanálise; pesquisa teórico-clínica; objeto *a*; desejo do Outro; grafo do desejo.

ABSTRACT

This paper aims to discuss, from a clinical case, the link between anguish and inhibition on the psychoanalysis perspective. Starting from trauma as a factor in the founding of the psyche and triggering a state of helplessness, we include castration as a mark of a danger to be repressed, reaching a primitive anxiety, which is an affect that prepares the way for the emergence of the subject. At first, we discuss the evolution of the concept of anxiety in Freud, emphasizing how he articulated the inhibition and symptom scoring, although pointing the difference between anguish as a direct consequence of the traumatic moment, and also as a sign of a reproduction the original trauma. Then, we investigate the concept of anguish in Lacan, emphasizing conceptual advances promoted by him on this field, especially in Seminar X, highlighting the introduction of the concept “object *a*” and the consequences of this invention theoretical. After, we focus on the concept of inhibition in Freud, followed by reading of Lacan about it. Finally, we reflect about the delimitation that the concept of the object *a* gives to the possible relations between subject and object, trying to extract some clinical consequences of the responses that the subject constructs against the enigma of the Other's desire, including inhibition and anguish, articulating, therefore, the clinical case to raised discussions.

Keywords: psychoanalysis, theoretical and clinical research; object *a*; desire of the Other; graph of desire.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu de interrogações derivadas do atendimento psicanalítico a uma jovem de 21 anos, a quem chamaremos Melina, com dificuldades de adaptação na universidade e baixo desempenho escolar. O tratamento teve a duração de aproximadamente três anos, com algumas interrupções, seguindo até o momento em que ela retornou à sua cidade de origem. Logo de início, ao ter contato com o caso, uma questão se impôs para mim: as dificuldades escolares de Melina seriam resultado de lacunas relativas ao conhecimento educativo ou tratavam-se de lacunas de uma outra ordem? Se por um lado ela não conseguia cumprir as tarefas escolares e quando solicitada a se pronunciar era tomada de forte angústia, a fala saía truncada, gaguejando muito, dificultando o entendimento do que dizia para seu interlocutor; por outro, em situações fora do âmbito escolar, funcionava sem evidências de dificuldades que comprometessem seu desempenho intelectual.

Na tentativa de identificar o estatuto de suas dificuldades, passamos a investigar seus impasses com a aprendizagem escolar a partir da escuta analítica. A seguir, apresentaremos fragmentos do caso clínico para melhor situarmos as questões que nos levaram ao empreendimento do presente trabalho.

Melina veio me ver após o contato de uma de suas professoras, que me solicitou atendimento para a mesma, baseada nas dificuldades que ela apresentava. Fazia parte desse cenário a dificuldade de interação com os colegas e professores, que resultava em seu isolamento em sala de aula. Faltava frequentemente às aulas e, quando comparecia, não falava nem participava das atividades, recusando-se a apresentar os trabalhos escolares. Em consequência, suas notas eram baixíssimas.

Na época de suas primeiras entrevistas, Melina, assim como em sala de aula, apresentava-se emudecida nas sessões. Só falava quando lhe era perguntado algo, com muita dificuldade, gaguejando muito, tornando seu discurso ininteligível. Oriunda de uma cidade distante, estava em Natal para cursar o ensino superior. Melina estava isolada. Sua família encontrava-se longe, não tinha um ponto de apoio próximo. Tinha contato com a família apenas por telefone, o que se dava muito raramente e, quase sempre, por iniciativa dela. Dentre as dificuldades apresentadas por ela, a que mais chamava a atenção era a inibição. Esta se apresentava, principalmente, no desempenho escolar e nas habilidades sociais, acompanhada de uma angústia que se evidenciava no próprio corpo: constantemente, roía as unhas das mãos ou dos pés, até sangrarem, e cutucava partes de seu corpo, pernas e braços (escarificações), até se ferir e sangrar. Acrescentava-se a isso a presença da enurese, que se constituía em verdadeiro obstáculo ao seu convívio social.

Primeiramente, deparamo-nos com a enorme dificuldade de fala de Melina. Seu discurso era monossilábico. Como não conseguia expressar em palavras sua dor, ao começar a tomar a palavra, suas frases saíam truncadas, mutiladas, faltando algo. Além disso, sua fala se referenciava quase sempre a acontecimentos de seu cotidiano, sem que ela se implicasse neles. Trabalhar com ela era um constante desafio, o que me levou à procura de teorizações que me ajudassem a entender a profusão de sintomas apresentados e a delimitar a sua estrutura, permitindo um melhor manejo clínico.

Ao longo do tratamento, ela foi, pouco a pouco, falando e se deixando compreender. A angústia, antes presa ao corpo de forma silenciosa, foi, diante da função da fala na clínica psicanalítica, tomando uma nova direção, passando a apresentar-se como “ataques de pânico”, aos quais ela se referia como dor no peito e sensação de morte. A falta constante às aulas, o risco de reprovação, o medo de sair de casa e passar

mal eram fatores que apontavam para a urgência de uma solução para a angústia. Além disso, a falta às sessões ameaçava a possibilidade de análise. Com o decorrer do processo de tratamento, houve um abrandamento da angústia, o qual permitiu que ela tomasse a palavra com menos dificuldade, possibilitando-a subjetivar seu sofrimento e deixar de se queixar dos outros para se queixar de si mesma. As agressões ao corpo diminuíram e, depois de vários encontros, intercalados com muitas faltas, o excesso de angústia deixou de ser a questão e Melina começou a buscar o que ela, a angústia, denunciava.

Melina referia-se à sua mãe como alguém que não lhe dedicava atenção, era muito dura com os filhos e tinha como objetivo enviá-los para outras cidades do país para estudar e, com isso, garantir uma renda futura. Quase todos os seus irmãos, mais velhos que ela, moravam fora do país, exceto uma a quem a mãe julgava como inadequada para os estudos e apropriada para os afazeres domésticos. Quando chegou a vez de Melina, a mãe tratou de encaminhá-la para cumprir seu destino, independente de seu desejo. Ela não queria sair de sua cidade, nem ficar longe de seu pai, com quem mantinha uma boa relação. Falava dele como alguém que lhe dedicava uma atenção especial, o que desagradava à sua mãe e às irmãs. Mesmo assim, era de sua mãe que Melina sentia mais falta. Sempre que conseguia algum dinheiro, enviava para ela. Às vezes dispensava o dinheiro que o pai lhe enviava todos os meses para que sua mãe pudesse ficar com ele, sem que seu pai soubesse, ainda que precisasse muito do mesmo, na tentativa de agradá-la.

Ela ansiava por voltar a estar no seio da família e, principalmente, estar com a sua mãe. A análise lhe fez sair de uma posição de passividade, de espera que sua mãe lhe enviasse meios de visitá-los e passou a elaborar formas de conseguir uma visita a sua cidade por esforços próprios. Conseguiu voltar e rever a família. Ao retornar trazia

consigo uma firme convicção: não queria mais morar lá. Aqui, ela teve acesso a um nível de vida bem diferente da extrema pobreza em que vivia em sua cidade. Também concluiu que não conseguiria mais se submeter aos caprichos de sua mãe, tampouco voltar a fazer serviços caseiros, ficar presa em casa, sem liberdade para ir e vir, conforme sua vontade.

Ao longo do seu percurso clínico, questões importantes foram emergindo no seu discurso, possibilitando a instauração do trabalho analítico. Em uma de suas falas refere sua animação em uma festa com conterrâneos, a qual compareceu e que surpreendeu a todos com sua desenvoltura, inclusive na dança. Associou sua animação nas festas a ser criança, e o ser adulto a coisas sérias. Diz-me que não quer ser séria, e relaciona à sua dificuldade em assumir compromissos. Lembra que até os 18 anos não podia sair de casa, “vivia presa”. Só saía para ir à escola e não podia se atrasar ao retornar. Acha que sua mãe não queria que elas (as filhas) saíssem para se divertirem, por querer utilizar o dinheiro para sua própria diversão (a mãe era bem mais jovem que seu pai e frequentadora assídua de eventos ligados à igreja).

Sua análise possibilitou uma mudança na sua posição subjetiva em relação à sua mãe, com lembranças de sua história e sofrimentos anteriores de abandono. Dos efeitos terapêuticos obtidos neste período de quase três anos, localizo a diminuição da angústia de se sentir desamparada pela mãe, enganada pelo Outro, bem como o desaparecimento de alguns sintomas, entre os quais a enurese, que se apresentava, frequentemente, quando ela se aproximava da escola.

Os efeitos da análise mostraram-se evidentes, também, na vida escolar de Melina. A mesma professora que a encaminhou para tratamento procurou-me para falar de suas mudanças no âmbito escolar. Ela já conseguia falar em sala de aula, ainda que timidamente, e em grupos pequenos, apresentava trabalhos e conseguia, mesmo com

dificuldades, cumprir tarefas. Para isso, já conseguia buscar ajuda com colegas de sala. Melina terminou o seu curso dentro do prazo que lhe restava para permanecer na Universidade. Na sua última sessão, falou dos seus progressos e do quanto a análise a havia ajudado, lamentando sua interrupção. Além disso, emocionou-se, ao se reportar ao suporte que a análise lhe deu, falando de seu sofrimento durante sua permanência aqui. Ao despedir-se, abraçou a analista chorando, agradeceu e disse que se conseguisse voltar à cidade, retomaria a análise.

Questão de pesquisa

O trabalho clínico trouxe dúvidas e reflexões, levando-me a procurar explicações teóricas que me ajudassem na elucidação e condução do caso. Com o decorrer do processo de análise, observei que as dificuldades apresentadas por Melina não eram apenas de cunho estritamente escolares, mas produtos de situações concernentes à sua subjetividade. Conforme observa Zimmermann (2009), as dificuldades escolares surgem quando a situação de aprendizagem mobiliza conteúdos conflitantes, cujas forças o sistema defensivo falha em controlar: neste momento, irrompem os sintomas, cuja função é encobrir uma verdade inconsciente impossível de ser falada. A relação do sujeito com o conhecimento, além de incorporar os aspectos objetivos presentes nos processos educativos e socioculturais, supõe, também, aspectos subjetivos marcados pela incidência do inconsciente. Tais aspectos, segundo Diniz (2006), movem ou paralisam o sujeito, incidindo sobre a sua produção ou apreensão do conhecimento. A condição de paralisia de Melina diante da aprendizagem evidenciava uma inibição referida à função da aprendizagem associada a atos compulsivos de agressões ao próprio corpo, que manifestavam sua angústia. Baseada nisso, interrogava-me como a angústia e

a inibição se articularam nesse caso clínico. Para isso, revisei a literatura a respeito da articulação entre os dois temas.

Freud (1926/1976), ao estudar a angústia a articula à inibição e ao sintoma. Ao longo de suas investigações, ele introduz a relação entre a geração de angústia e a formação de sintomas, verificando que os dois processos se representam e substituem um ao outro. É analisando a fobia do caso Hans que ele pode desvendar o que caracterizava um sintoma e uma inibição, concluindo que a angústia está na origem e põe a formação de sintomas em movimento (Dias, 2006).

Coppus (2010) observa que tanto o sintoma quanto a inibição tem a função de evitar a angústia, porém utilizam mecanismos distintos para isso. O sintoma implica o recalque para proteger o sujeito da angústia e opera a partir de uma substituição significativa que, por sua vez, tem o efeito de metáfora. As inibições antecipam o perigo através do uso de mecanismos que consistem em manter fora da ação a função erotizada. Assim, evita-se o surgimento da Angústia e um novo recalque.

Na tríade inibição, sintoma e angústia, Freud traz a inibição no registro da expressão de um limite que surge no eu como limitação. Garcia (1998) destaca que Lacan vai trabalhar a mesma tríade no seminário sobre a angústia; e é sob o questionamento da angústia que ele se interroga sobre a inibição, trabalhando-a pelo viés da causa.

Santiago (2005) considera que tanto a teoria da inibição quanto as hipóteses sobre a pulsão de saber constituem o solo conceitual no qual emerge a abordagem dos fenômenos clínicos próprios à inibição intelectual. Tomando como referência o seminário sobre a angústia, a autora situa, a partir de Lacan, a função da causa do desejo como ligada ao real de um movimento, de uma ação. Assim, toda ação do sujeito no mundo visa reencontrar o objeto primordial e é animada pela função do desejo. “Nesta

perspectiva, a inibição configura-se como uma ação que contraria a função, da qual se origina o ato” (p 145). Em consonância com esse pensamento, Souza (2007) considera que a articulação, feita por Lacan, da inibição ao desejo e ao ato é uma questão primordial para discutirmos como se articula a inibição intelectual.

Baseada nas afirmações dos referidos autores, passei a me interrogar a respeito da posição de Melina como sujeito desejante. Nesse caso clínico, acreditamos que a questão com os conhecimentos está ligada à questão da angústia. As questões relativas à aprendizagem produziam um excesso de angústia que revelavam um modo particular de relação ao saber inconsciente. Qual seria o lugar da angústia neste caso? Como a inibição e a angústia estariam articuladas? Apesar da multiplicidade de defesas apresentadas pelo sujeito de nosso estudo, esses dois aspectos, a inibição e a angústia, se constituíram como questão para nós. A primeira por tratar-se da principal defesa utilizada por ela e a segunda, pela sua presença e importância em um tratamento psicanalítico.

Santiago (2005) observa que a escuta do sujeito possui o alcance de integrar ao diagnóstico da dificuldade escolar a dimensão subjetiva e a psicanálise se configura como a única via possível para a transformação da queixa escolar em uma demanda de tratamento propriamente analítico. Foi apostando nisso que iniciamos o trabalho analítico com Melina. E as inquietações, advindas desse trabalho, nos conduziram à presente pesquisa.

Este estudo visa, portanto, discutir as relações entre a angústia e a inibição, e como, no caso clínico em questão, elas se articularam à luz da teoria psicanalítica.

Se o método indica o caminho a seguir para se alcançar um objetivo, na psicanálise esse caminho não é desprovido de dificuldades. Freud (1922/1976) traz

apontamentos que nos orientam a pensar a pesquisa em psicanálise. A seu respeito enumerou três aspectos:

PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1922/1976, p. 287)

Esses três aspectos estão sempre juntos e, de acordo com Nogueira (2004), não podemos pensar em pesquisa psicanalítica a não ser na relação analítica. Portanto, a psicanálise é um campo que já nasce como método de investigação. Nessa perspectiva, Garcia-Roza (1991) ressalta que o verdadeiro laboratório de pesquisa é a prática clínica fundada na transferência. Logo, a verdadeira pesquisa em psicanálise é aquela que nos permite constituir um Saber sobre o inconsciente e isso só é possível na experiência clínica. Birman (1989), nessa mesma direção, destaca que a clínica psicanalítica é representada como sendo o lugar fundamental onde se empreende a constituição da teoria em psicanálise.

Caon (1994), por sua vez, destaca o inconsciente como o campo de estudo que singulariza o pesquisador psicanalítico. Assim, se a psicanálise produz um saber que deriva de seu próprio campo, a partir das incidências do inconsciente, não é possível pensar um método que exclua a singularidade do sujeito na realização da pesquisa (Guerra, 2001).

Nessa perspectiva, ao comentar sobre a psicanálise na universidade, Caon (1996) afirma que a pesquisa psicanalítica é a refundação, no campo das comunidades universitárias de pesquisadores, daquela experiência anteriormente fundada na situação

psicanalítica de tratamento. Esse movimento de refundação baseia-se na pesquisa de Freud, o qual, a partir de cinco casos clínicos, conceitualizou o material clínico, criando a própria teoria da psicanálise, ou seja, ressignificou as primeiras experiências clínicas refundando-as.

Conforme Nogueira (2004), há dois níveis de pesquisa, a realizada pelo analisante, que ocorre no interior de uma análise, e outra realizada pelo analista, que se caracteriza pela construção teórica elaborada a posteriori da experiência analítica. Desse modo, a clínica psicanalítica representa o lugar fundamental onde se empreende o saber psicanalítico. Entretanto, podemos, a partir da experiência clínica, estudar determinados conceitos psicanalíticos e isso, também, constitui uma pesquisa psicanalítica, pois há, nessa produção teórica, um atravessamento dos efeitos da clínica.

A esse respeito o referido autor aponta, ainda, que uma tese em psicanálise vai, basicamente, ou construir o caso clínico, ou fazer uma construção conceitual, tentando discutir um conceito em Psicanálise. Desse modo, “[...] um pesquisador da psicanálise pode fazer uma pesquisa teórica, no sentido do conceito, mas ela não é teórica na medida em que a Psicanálise não separa a prática da teoria” (p.104). De um lado, aquela teoria foi construída a partir da prática, e de outro, quando fazemos uma investigação em um texto psicanalítico, estamos implicados nisso. Quando investigamos um conceito psicanalítico, através de autores psicanalíticos, estamos aprofundando esse conceito. E para que isso seja possível, é necessário que tenhamos feito nossa pesquisa pessoal, analítica. Só assim conseguiremos acompanhar aquilo que os autores falam sobre o conceito analítico.

Assim, o presente estudo se constitui como uma pesquisa teórico-clínica, suscitada pela experiência de escuta de um sujeito, tendo como referência a psicanálise. Nele, traremos recortes do caso clínico, na perspectiva de articulá-los aos conceitos de

Angústia e de Inibição. Para isso, empreendemos um levantamento teórico, a partir das obras de Freud e Lacan acerca dos temas Angústia e Inibição, visando percorrer os trajetos de cada um deles, em diferentes momentos de suas obras, em relação a esses conceitos. Além disso, também utilizamos autores psicanalíticos da atualidade, que discorrem sobre um e outro conceito, considerando as suas contribuições e procurando, em seus trabalhos, o que cada um traz acerca da temática aqui tratada.

A leitura dos textos nas obras de Freud e Lacan buscou fazer emergir convergências e divergências dentre as concepções dos conceitos aqui estudados. O recorte que fizemos teve por objetivo procurar nos textos freudianos e lacanianos elementos que pudessem elucidar a questão, estabelecendo um diálogo com as produções teóricas e apontando, ao final, as articulações da Angústia e da Inibição, destacando o modo como tais articulações se deram no caso clínico.

A dissertação consta de quatro capítulos. No primeiro, iniciamos nosso percurso partindo do trauma como fator fundante do psiquismo e desencadeador do estado de desamparo, passamos pela castração como marca de um perigo a ser recalado e aportamos na angústia primitiva, como afeto que prepara o caminho para a emergência do sujeito. Em seguida, percorremos a trajetória teórica de Freud sobre a angústia. Em sua obra, esse conceito ocupa um lugar de destaque desde os seus primeiros escritos, fazendo-se presente em todos os casos de neurose e, na teoria, passando por profundas reformulações. Percorremos as diferentes conceituações do objeto da angústia em Freud, detendo-nos no modo como ele articulou-a à inibição e ao sintoma e marcando, ainda, a diferença que ele traz entre a angústia como consequência direta do momento traumático e como sinal de uma reprodução do trauma originário.

No segundo capítulo, “A angústia em Lacan”, abordamos a angústia sob a perspectiva lacaniana, com ênfase nos avanços conceituais que o autor promoveu sobre

esse conceito, notadamente no Seminário X, no qual ele trata da angústia. Nesse Seminário, Lacan, entendendo a angústia a partir de uma falta postulada como estrutural para o sujeito, distancia-se de Freud, para quem a angústia surge diante da ameaça de perda de um objeto amado, e constrói toda a sua teorização em torno da iminência de que o próprio sujeito se torne o objeto que virá preencher a falta do Outro. Desse modo, Lacan nos traz a angústia como o encontro com o desejo do Outro, na medida em que o desejo se manifesta como um aspecto do real.

É a partir do “desejo como desejo do Outro”, estruturado por Lacan em torno do grafo do desejo, que constituímos o terceiro capítulo. O grafo está articulado em função do desejo e, portanto, em torno do *Che vuoi?*, a pergunta acerca do que me deseja o Outro, que permite separar nele as perguntas e as respostas. Diante do enigma do desejo do Outro, o sujeito responderá de modo a se defender, a obturar, de maneiras diferentes, a castração, a falta no Outro. Aqui, utilizamos o grafo do desejo para trabalhar cada resposta do sujeito: sua petrificação no ideal do eu, a paralisação da inibição, a saída pelo sintoma e o recurso à fantasia.

No quarto capítulo, detemo-nos na Inibição, trazendo a evolução do conceito em Freud e os avanços de Lacan para o mesmo, entremeados pelos recortes clínicos do caso acima relatado. Em seguida, passamos, enfim, às considerações finais.

CAPÍTULO 1 – TRAUMA, DESAMPARO E ANGÚSTIA

1. 1 – O trauma e o desamparo na psicanálise

Desde Freud e, depois, com Lacan, o trauma ocupa um lugar privilegiado em relação à angústia. Em Freud, o trauma é considerado como fator desencadeante da angústia, tanto em relação aos eventos do mundo, quanto em relação à pulsão. Para ele, o trauma do nascimento seria a primeira situação de uma ordem traumática que pode ser reativada por diferentes situações ao longo da vida. Assim, o ser humano, ao nascer, diferente dos outros animais, traz consigo uma imaturidade biológica que o leva a uma "condição de desamparo e dependência" (Freud, 1926/1976, p. 179) de um outro para sobreviver por um longo período de tempo. Diante da imensa quantidade de estímulos da vida externa ao útero o bebê se mostra impotente para lidar com eles e os vive como algo avassalador, necessitando de um objeto (a mãe ou aquele que cuida) que lhe dê suporte e amenize o mal-estar da brusca separação que ocorre no nascimento. Como resultado esse objeto, que terá a função de supri-lo e protegê-lo, terá seu valor enormemente aumentado.

Tal quadro, de acordo com Freud (1926/1976), cria no bebê a necessidade de ser amado que o acompanhará por toda a sua vida. Como esse objeto não consegue substituir plenamente a vida intrauterina, algo desse excesso de estímulos escapa ficando fora de simbolização. Sem recursos para responder ao que escapa o bebê é invadido por esse excesso, se instaurando o estado de desamparo. É aí que o bebê se depara com o abismo da falta, o vazio, o trauma primordial por excelência. Trata-se do desamparo originário que fará marca e acompanhará o ser humano por toda a sua existência, de uma vivência traumática, cuja intensidade é atualizada no decorrer da

vida do sujeito em experiências que, de alguma maneira, reeditam esse excesso libidinal (Cattapan, 2011; Chediak, 2007; Vieira, 2001; Viola & Vorcaro, 2011).

Conforme Viola e Vorcaro (2011), a concepção freudiana de objeto de desejo não é unívoca. Neste sentido, as autoras nos apresentam duas possibilidades de leitura da noção de objeto. Em uma delas, Freud confere certa materialidade a esse primeiro objeto, como se ele tivesse realmente existido. Nela, há a ideia de uma primeira experiência de satisfação como aquilo em direção ao que o desejo se orienta como experiência perdida, reminiscência de uma primeira vivência de prazer, experimentada no momento em que o neonato tem suas necessidades satisfeitas por auxílio alheio. Assim, podemos pensar em termos de um objeto perdido para o desejo do sujeito.

Na segunda possibilidade, seguem dizendo as autoras, em uma leitura mais sutil na obra de Freud tal como nos apresenta Lacan, podemos conceber essa situação como mítica. Isto é, uma situação que nunca existiu, mas que é postulada por Lacan como uma construção teórica necessária para alicerçar sua hipótese acerca do desejo. Nessa concepção, o objeto nunca existiu, mas foi estabelecido na experiência de satisfação retroativamente. Trata-se de um nada, um vazio ao qual o desejo se dirige. “Daí a infinidade de objetos empíricos que se prestam a substituir esse lugar vazio, em uma busca vã e inesgotável, na saga pessoal de cada sujeito desejante” (Viola & Vorcaro, 2009, p. 2). Para elas, a lógica da pesquisa freudiana dá bases consistentes para que se possa compreender a relação do desejo com a metonímia nesses termos.

Nessa direção, Vieira (2001) nos diz que a partir do artigo *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/1976), não é mais possível ler a metapsicologia freudiana com as lentes de antes. “É preciso introduzir a noção paradoxal, veiculada pela castração, do excesso de uma falta, ou de uma falta que faz do caos, gozo” (p. 67). Quando Freud diz “não acredito mais em minha neurótica” (1897/1977, p.350), institui o marco de virada

que ganha contornos precisos em 1926. O trauma não se origina mais do encontro com a sexualidade do adulto, não é mais caracterizado como um excesso ocasional de tensão e, passa a apontar para uma concepção original do trauma anterior à própria realização do mundo. O autor segue dizendo que é no citado artigo que Freud (1926) se situa mais nitidamente do lado da impossibilidade do reencontro do objeto, ao afirmar que o sinal de perigo da angústia produz-se porque a castração, ao conferir ao caos o caráter de gozo proibido, constrói apenas retroativamente a promessa de satisfação. “desta forma, entendemos que o que há para todo sujeito é o caos original e não a satisfação original” (Vieira, 2001, p. 67).

Vieira (2001) pontua, ainda, que a concepção freudiana do trauma se refere à ausência de qualquer entidade prévia à constituição do ser. O nascimento só pode ser considerado um trauma se for tomado como um momento paradigmático, mítico, em que se inscreveu tanto o sujeito quanto o mundo. Freud postula aí um momento mítico, de desamparo, de contato sem intermediários com o mundo, que só pode ser vivido na forma horrorizante de um afluxo incontrolado de ideias. O sujeito humano, capaz de ler o mundo e nele sobreviver, só se constitui como fruto da entrada em ação de uma grade de leitura do caos, que, de certa forma, separa o bebê deste afluxo sensorial incontrolável. Somente a partir desta operação inaugural, torna-se possível ler o caos e fazer dele um mundo. “Esta é a razão pela qual o trauma é referido a um tempo mítico, universal e é caracterizado como desamparo” (Vieira, 2001, p. 62).

Assim, o caos inicial jamais será totalmente afastado, fato clínico que para Vieira (2001) justifica o conceito de castração. Ele passa a marcar uma ameaça de dissolução sempre presente, uma vez que o movimento próprio da pulsão, de morte por excelência, é de retorno a este momento mítico. Portanto, a castração é a marca que faz do caos inicial um perigo a ser recalcado. “A angústia é quem faz referência a ele no âmbito do

aparelho psíquico, uma vez que ela reproduz o desamparo” (Vieira, 2001, p. 63). Assim, a castração deixa de ser localizada historicamente e é elevada à categoria de dado de estrutura. Vieira (2001) nos indica que a partir da segunda tópica freudiana, ao considerarmos que castração é o nome da insistência estrutural da ameaça de dissolução, tanto ela quanto o perigo são termos que nomeiam o caos ao qual o afeto da angústia dá a forma de sinal. Nesse sentido, Couto e Chaves (2009) afirmam que “no texto *Inibições, sintomas e angústia* Freud (1926/1976) define o trauma sexual como a perda do objeto que ocorre nas diversas “fases do desenvolvimento” do desejo, que são contadas a partir da castração como perda simbólica” (p.70).

Nessa mesma direção, Torres Neto (2011) comenta que as situações de perigo, das quais a angústia é sinal, remetem, em Freud (1926/1976), a uma angústia mais originária, a vivências muito antigas, a uma situação ancestral. Tais situações reproduzem uma experiência mítica em que se articula a experiência de castração (Cattapan, 2011; Fuks, 2001; Vilanova, 2010; Viola & Vorcaro, 2009).

É, portanto, aí, que situamos o desamparo. No início de toda humanização, sendo ele traumático e fundante ao mesmo tempo. Do desamparo como condição do humano ao enigma da angústia que o acompanha, Freud vai se dedicar a esse tema, voltando em diversos momentos a ele para investigar suas causas, construindo e desconstruindo várias teorizações a respeito da angústia ao longo de toda a sua obra. Neste caminho, a falta ocupa um lugar central, mais especificamente no que se refere à noção de objeto circunscrita pela psicanálise. Esse percurso abre lugar ao conceito de objeto *a*, o qual adquire grande importância na teoria e prática psicanalítica. Tal conceito é formalizado por Lacan em seu texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, de 1960 e, mais tarde em o *Seminário 10, A angústia*.

Em Freud, a angústia encontra-se ligada à perda de objeto. Tal perda aponta para o primeiro objeto de amor, que se repete a cada encontro com o objeto, sempre faltoso, marcando sua perda. Dito de outro modo trata-se de considerar que todo objeto é parcial e que, por isso, a busca pelo objeto se remete à *Coisa*, ou seja, é sempre uma busca pelo primeiro objeto, pela satisfação total, mítica. A *Coisa* refere-se à noção freudiana de *Das Ding*, que não é um objeto que faz parte do mundo, objeto perdido para sempre, e por isso, se constituindo como objeto de desejo. A repetição presente nessa busca do objeto é que traz a satisfação, ainda que parcial. Deste modo, podemos falar do objeto que representa a *Coisa*, um objeto sempre outro.

Lacan (2005), no *Seminário A angústia*, vai falar não de perda, mas de separação do objeto, acrescentando a questão do traço que se inscreve nessa repetição, nessa busca. A angústia, para Lacan, conforme veremos mais tarde, aparece relacionada ao desvelamento do objeto *a* para o sujeito, no lugar de resto da operação de divisão. Essa divisão é parte do processo que possibilita o surgimento de um sujeito, o qual, para advir, sofre uma perda fundamental marcada pela entrada na linguagem.

No tópico a seguir traremos o percurso de Freud na sua teorização sobre esse conceito. Partindo de suas primeiras elaborações, em 1894, passamos por sua primeira teoria da angústia, enfatizando a retificação operada por ele, em 1926, até sua última formalização em 1933. A trajetória de Freud sobre a angústia é fundamental para a compreensão do ponto de partida de Lacan, já que é percorrendo o caminho aberto por Freud que ele avança na sua teorização sobre o tema.

1.2 – A angústia em Freud

Só que dessa não se morre. Mas tudo, menos a angústia, não? Quando o mal vem, o peito se torna estreito, e aquele reconhecível cheiro de poeira molhada naquela coisa que antes se chamava alma e agora não é chamada nada. E a falta de esperança na esperança. E conformar-se sem se resignar. Não se confessar a si próprio porque nem se tem mais o quê. Ou se tem e não se pode porque as palavras não viriam. Não ser o que realmente se é, e não se sabe o que realmente se é, só se sabe que não se está sendo. E então vem o desamparo de se estar vivo. Estou falando da angústia mesmo, do mal. Porque alguma angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.

Clarice Lispector

De acordo com o que vimos, a angústia articula-se ao perigo, perigo que se reporta à castração, ao desamparo fundamental. Do desamparo como condição do humano ao enigma do afeto que o acompanha, Freud, interrogado pelo enigma da angústia, vai, aí, se debruçar, dedicando-se mais e mais sobre esse assunto. Colocando a angústia como centro de suas investigações, ele volta por repetidas vezes a ela, tratando-a de forma específica, investigando suas causas e constituindo-a como algo que será perseguido até o fim de seus estudos.

Podemos situar as primeiras referências a respeito da angústia na obra de Freud em sua correspondência com Fliess, médico com quem manteve extensa correspondência entre 1887 e 1902; constituída de cartas e rascunhos, nos quais ele expunha suas ideias. Entre os rascunhos que tratam da temática da angústia destacamos o *Rascunho B, A etiologia das neuroses* (1893/1977), no qual, estudando a neurastenia, ele atribui a ela uma origem sexual. É nesse texto que surge o termo “neurose de angústia”. É também, aí, que Freud dá seus primeiros passos na teorização sobre a angústia. Neste momento de sua obra, o autor se encontrava sob forte influência de seus

estudos neurológicos e preocupado em explicar como os fenômenos se dão do ponto de vista do funcionamento econômico do psiquismo. Neste contexto, ele considerava como fundamental o “princípio de constância”, o qual postulava haver uma tendência inerente ao sistema nervoso de reduzir e/ou manter constante o grau de excitação nele presente.

A neurastenia seria originada pela inadequação da ação de descarga da tensão sexual, ou seja, na substituição da *ação específica*, a única que traz a satisfação plena da excitação, por formas alternativas como a masturbação e poluções. Nesse caso haveria uma descarga da excitação sexual, porém não satisfatória. Isso levaria a um aumento das descargas sem satisfação plena, o que acabaria esgotando o estoque energético do indivíduo.

De acordo com Campos (2004), Freud reinterpretou a neurastenia nos termos de uma economia insatisfatória de energia sexual, antes considerada uma degeneração da condução nervosa. Contudo, merece destaque o quadro de neurose de angústia, termo cunhado por Freud para diferenciar um quadro sintomatológico que se confundia com a neurastenia e com a histeria de conversão, tendo como sintoma nuclear a *expectativa ansiosa* ou *angústia flutuante*. Tratava-se de uma quantidade acumulada de excitação, a qual originava irritabilidade, hipocondria, angústia moral, ataques de angústia ou mesmo uma angústia difusa, com vários sintomas somáticos associados, em especial a sensação de falta de ar.

Entretanto, nesses casos não havia nenhuma origem psíquica para a angústia, ou seja, a excitação não era desvinculada da representação por um processo defensivo, mas se tratava de uma excitação somática acumulada, de origem sexual. Além do mais, o quadro era acompanhado por uma redução da libido sexual ou do desejo psíquico, o que indicava que essa excitação somática não passava para a esfera do psiquismo. Isso levou Freud a afirmar que o mecanismo da neurose de angústia estaria relacionado com uma

"deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, com um conseqüente emprego anormal dessa excitação" (FREUD, 1895/1976, p.126, grifo do autor). Haveria um acúmulo da excitação sexual que não chegaria a ser descarregado e, o que é mais importante, não transporia o limite entre o somático e o psíquico. Seria, portanto, defletido da consciência e depois transformado em descarga somática na forma de ataques de angústia.

Freud permanece, em rascunhos subsequentes, investigando o assunto, mas é no *Rascunho E – Como se origina a ansiedade* (Freud, 1894a/1977), que ele vai melhor elaborar suas ideias sobre a angústia. O autor deixa clara a etiologia sexual da neurose de angústia, afirmando que “a angústia surgiu por transformação, a partir da tensão sexual acumulada” (Freud,1894a/1977, p. 264). Assim, a acumulação ocorre como consequência do fracasso da descarga sexual física. A transformação da tensão sexual em angústia se dá quando a tensão sexual física, acima de certo nível, desperta a libido psíquica, que induz ao ato sexual. Se este deixa de se realizar, a tensão físico-psíquica (o afeto sexual) aumenta desmedidamente. O autor nos traz um esclarecimento a respeito da transformação do acúmulo de tensão, não psiquicamente ligada, em angústia:

[...] contudo, na neurose de angústia, essa transformação ocorre mesmo, o que sugere a ideia de que, nessa neurose, as coisas se encaminham mal, do modo como se segue: A tensão física aumenta, atinge o nível limiar em que consegue despertar afeto psíquico; mas, por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um afeto sexual não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte; a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em – angústia. (Freud 1894a/1977, p. 265/266)

Seguindo com suas elaborações, Freud, em sua *Carta 18*, à Fliess (1894b/1977), situa três destinos para o afeto, articulando-os às diferentes estruturas clínicas: conversão, na histeria de conversão; deslocamento, nas obsessões; transformação, na neurose de angústia e na melancolia. A conversão e o deslocamento seguem as duas vias de descarga do afeto, a simbolização-catarse e a associação. Vieira (2001) considera a transformação uma nova torção, uma vez que Freud opera aí com a noção de transformação, de mutação de energia psíquica. Deste modo, a angústia ganha um espaço singular com relação aos afetos, constituindo-se o que será mais tarde, em 1917, explicitado por Freud como “moeda corrente universal, pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito ao recalque” (Freud, 1917/1976, p.470). Assim, todo afeto pode se transformar em angústia e, finalmente, aparece como resultado da transformação de uma energia em outra.

Em 1895, Freud publica o artigo *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia* (Freud, 1895/1976), nele, ele se depara com a necessidade de diferenciar a neurastenia da neurose de angústia. A neurastenia resulta de um mau funcionamento sexual, onde há um acúmulo de tensão sexual física, que não é descarregada. A neurose de angústia é resultante dessa tensão sexual que não foi psiquicamente ligada. Esta energia livre que não é descarregada gera várias manifestações que se agrupam em torno de um sintoma principal: a angústia. A causa da angústia é atribuída, então, à acumulação sexual não consumada e, também, ao fracasso na descarga da tensão por vias psíquicas e sucesso por vias físicas, como nos casos de ejaculação precoce e do coito interrompido. Ou seja, após a incidência do recalque, a libido, esse afeto não descarregado é transformado em

angústia. A angústia surge, desse modo, como produto do recalque (Freud, 1895/1976, p. 128-129).

Evoluindo em suas construções sobre a teoria da angústia, Freud vai considerar a descoberta da origem neurótica a partir da libido como um dos resultados mais importantes da pesquisa psicanalítica. O conceito de libido vai se constituir como o carro chefe do entendimento da angústia nesse momento. Aqui, a libido é definida, pelo autor, como “força quantitativa variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual” (Freud, 1915/1974). Seria uma energia especial que se deve supor subjacente aos processos mentais em geral. Considerando que a pulsão sexual representa uma força que exerce uma “pressão”, a libido seria a energia dessa pulsão. É esse aspecto quantitativo que prevalecerá. Assim, a angústia é produto da transformação da libido acumulada.

Freud persiste em suas elaborações e, na *Conferência XXV, A angústia* (Freud, 1917/1976) formaliza sua primeira teoria da angústia, a qual tem sua origem na ideia de transformação da excitação sexual, do excesso libidinal em angústia; cuja tese é: a angústia decorre do recalque. Neste momento, ele introduz um novo fator ao surgimento da angústia: o perigo. Assim, classifica-a como neurótica ou realística, de acordo com a origem do perigo. A angústia real é algo racional e compreensível, como uma reação à percepção de um perigo exterior, considerada como manifestação do instinto de conservação. A angústia neurótica é desconectada de um perigo real da vida, o que implica que sua fonte é o perigo pulsional, sendo a angústia um sinal do eu pulsional. Aqui, Freud acreditava ser o perigo a ameaça ao eu pelo retorno do recalcado.

De acordo com Vieira (2001), ao passar de uma concepção da angústia ligada à descarga para uma concepção da angústia ligada ao perigo, Freud deixa o fator

econômico em segundo plano em favor de um novo discriminante. Mais tarde, após as novas elaborações da angústia, da formação de sintomas e, após retomar os casos do Pequeno Hans e do Homem dos Lobos no artigo de 1926, ficará claro que esse discriminante é a castração.

A seguir, Freud faz a distinção entre angústia, medo e susto. A primeira refere-se ao “estado de preparação para o perigo que se manifesta por meio de um acúmulo da atenção sensória e da tensão motora” (Freud, 1917/1976, p.460), o segundo designa o medo de um objeto determinado e o terceiro implica um perigo para o qual não se está preparado.

Nesse mesmo texto, ele relaciona a angústia infantil com a angústia neurótica dos adultos, afirmando que “a angústia infantil tem escassa relação com a angústia realística, mas, por outro lado, relaciona-se estreitamente com a angústia neurótica dos adultos” (Freud, 1917/1976, p. 476), ressaltando que as duas resultam da libido não utilizada, e que ambas substituem o objeto de amor ausente por um objeto externo, ou por uma situação.

O autor nos diz que por trás da angústia infantil é o nascimento que se apresenta como primeira situação, como protótipo e como causa de todas as situações de angústia. O ato de nascer é a primeira experiência de ansiedade, sendo, assim, a fonte e o protótipo da sensação de ansiedade (Freud, 1917/1976). Dessa forma, nessa situação característica da angústia infantil encontra-se reproduzida a condição que é a do primeiro estado de angústia que acompanha o nascimento, a saber, a separação da mãe (Freud, 1926/1976). A ausência da mãe deixará a criança desamparada e sem recursos frente à libido que a invade.

Ainda no texto *A angústia*, Freud afirma que tanto na neurose obsessiva quanto na histeria o resultado do processo de recalque é a geração da angústia pura e simples, ou a angústia acompanhada pela formação de um sintoma, ou a formação mais completa de um sintoma sem angústia. Desta forma, define-se a relação entre a angústia e o sintoma. “Assim pareceria não ser errado, em sentido abstrato afirmar que em geral os sintomas são formados para fugir a uma geração de angústia, de outro modo inevitável” (Freud, 1917/1976, p. 471).

Portanto, a geração de angústia está intimamente vinculada ao sistema inconsciente: “Tenho afirmado que a transformação em angústia – seria melhor dizer, descarga sob a forma de angústia - é o destino imediato da libido quando sujeita ao recalque” (Freud, 1917/1976, p. 477). Deste modo, o que fica sistematizado em 1917 é a estreita relação que a primeira teoria da angústia mantém com a libido, como também o aspecto econômico que marca esse período, ou seja, a angústia como produto da transformação da libido não descarregada, sua substituição pela formação dos sintomas e como resultado do recalque.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 1914/1974), o autor se debruça sobre as relações entre o ego e os objetos externos, introduzindo os conceitos de ideal de ego e do agente auto-observador a ele relacionado, que constituiriam a base do que, veio a ser descrito como o “superego” em seu texto *o ego e o id*, de 1923. Segundo Monzani (1989), desde 1914, o ego já aparece, no interior dos textos de Freud, claramente como uma constelação psíquica razoavelmente complexa, a ponto de se poder falar num sistema do ego composto por várias instâncias e funções: o ego está estreitamente vinculado com a consciência, suas relações com o aparato motor são salientadas; boa

parte das funções do sistema pré-consciente é englobada como parte do ego; dele fazem parte, por fim, as instâncias do superego, ideal do ego e ego ideal.

Ao introduzir a noção de narcisismo na teoria psicanalítica, voltando-se para o estudo do ego e das instâncias ideais do ego, uma exigência concernente a um aumento teórico do campo psicanalítico se impôs. De acordo com Rocha (2000) um dos motivos mais importantes que justificou a reformulação da primeira tópica, foi precisamente esse estudo mais aprofundado do ego. Mas é apenas a partir da reformulação da teoria das pulsões, apresentada no texto *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/1976), da introdução da pulsão de morte e da divisão estrutural do aparelho psíquico, no artigo *O ego e o id* (Freud, 1923/1976), que Freud refaz a sua trajetória no que diz respeito à teoria da angústia.

Assim, em *Além do princípio do prazer* (1920/1976) Freud, traz uma discussão sobre os limites da dominação do princípio de prazer, afirmando que “existe no psiquismo uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer” (p. 20). Além disso, a partir de algumas observações da experiência clínica e dos jogos infantis, ele constata que, em ambos, conteúdos inconscientes e recalcados esforçam-se para se expressar, ainda que esses conteúdos não expressem prazer algum. A isso ele chama de compulsão à repetição, atribuindo a ela as características de uma pulsão.

Em relação à reformulação da teoria das pulsões, o autor nos diz que a pulsão seria um impulso inerente ao organismo vivo, em direção ao restabelecimento de um estado anterior. Ela seria a expressão da inércia na vida orgânica, e os movimentos vitais, forças do desenvolvimento, são desvios no caminho que leva à morte. Assim, o

funcionamento da vida psíquica seria ritmado por um movimento pendular que faz alternar certas pulsões, premidas a atingirem a meta final da vida (pulsões de morte), com outras que estão mais voltadas para fazer o percurso da vida durar (pulsões de vida).

Com a introdução na teoria da idéia de um conflito pulsional entre as pulsões de vida e as de morte, Freud é levado a pensar a angústia como mais primitiva, como anterior ao princípio de prazer, e produzi-la se dá como proteção ao encontro com o traumático, o que pode ser percebido, segundo o autor, nos sonhos traumáticos e na repetição. Deste modo, na neurose traumática, os sonhos reproduzem uma situação de extremo sofrimento e repetição do trauma, não podendo, portanto, se referir ao princípio de prazer. Eles se refeririam a uma função anterior a este. “Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática” (Freud, 1920/1976, p. 48). Essas situações revelam a fixação ao trauma. A nova teoria da angústia prenuncia-se nesse texto através de sua ligação essencial com o que está “além do princípio do prazer”, a repetição. Evidencia-se, deste modo, a compulsão na vida psíquica à repetição de experiências desagradáveis.

O autor segue elaborando a dicotomia entre as pulsões de vida e as de morte (Freud, 1923/1976), deparando-se com a necessidade de reelaborar a sua concepção do ego. A partir de suas observações clínicas, ele chegou à conclusão de que grandes partes do eu e do supereu eram inconscientes. Tornara-se impossível afirmar uma existência de uma identidade entre o eu e o consciente, de um lado, e o recalcado e o inconsciente de outro. Desse modo, inaugurando uma nova visão das instâncias psíquicas, o ego passa a ter novo estatuto, levando em conta suas funções inconscientes de defesa e recalque.

Com a constatação do eu, enquanto reservatório da libido, a angústia não pode mais ser vista como resultado da libido pertencente aos impulsos recalçados. Tanto o ego quanto o id estão sujeitos à influência das pulsões. Esse novo ponto de vista enfraqueceu a estreita ligação entre a angústia e a libido, já que a energia que o eu emprega é dessexualizada, ou seja, a angústia não será mais tomada como “libido transformada” e, portanto, não é mais na sua fonte derivada das pulsões sexuais. O que passa a ter importância agora é a ideia de uma angústia emitida pelo eu, a fim de tornar efetiva a instância prazer-desprazer, remetendo a geração de angústia a uma situação de perigo.

A revolução metapsicológica marcada pela introdução da pulsão de morte se manifesta em uma verdadeira reviravolta na teoria da angústia. Nesse contexto teórico, Freud repensa a natureza da angústia, reformula a sua função e se questiona a respeito da sua primeira teoria da angústia sustentada desde 1894 e que culminou em sua formalização em 1917. É, no entanto, em seu texto *Inibições, sintomas e angústia* (1926/1976) que ele efetua uma nova torção de seu ponto de vista sobre a angústia. No âmago dessa reformulação, conforme ressalta Coelho dos Santos (1991), uma questão que se impõe é a do nexo entre o trauma, redefinido em torno da oposição perigo pulsional x perigo de vida, e a angústia, também retomada a partir da oposição angústia automática e angústia como sinal, já que a angústia não é mais tomada como “libido transformada” e, portanto, não é mais, na sua fonte, derivada das pulsões sexuais.

Em sua nova concepção, ele articula as duas vertentes da angústia: a angústia secundária ao recalque e a angústia relativamente independente e anterior a ele. A angústia anterior é aquela que incide nas bases dos primeiros recalques, quando uma exigência libidinal, excessivamente grande, rompe o “escudo protetor” do psiquismo instalando um caos econômico. A isso ele chama de momento traumático. O conceito de

trauma está presente em toda obra freudiana e, sempre, ligado à teoria econômica.

Assim Freud o define em seu texto *Além do princípio do prazer* de 1920:

Descrevemos como “traumáticas” quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente numa conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficaz contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. (Freud, 1920/1976, p. 45)

De acordo com o autor, diante de uma situação psíquica em que a quantidade de excitação não pode ser “contida” ou “diminuída” pelos esforços do psiquismo se dá um rompimento do escudo protetor provocando a irrupção da face traumática da angústia. A angústia associada a essa situação evidencia a falta de preparação para a situação de perigo, pois é em função do trauma que o psiquismo pode se preparar para que ele não ocorra novamente. Desse modo, a situação traumática está diretamente ligada a uma situação de desamparo, físico e psíquico, e Freud toma por modelo de tal evento o trauma do nascimento. Aqui, ele reafirma o que já enunciara na *Conferência XXV*, em 1917, que o ato do nascimento é a primeira experiência de ansiedade do indivíduo e se constitui no protótipo de todos os estados de angústia que surgirão ao longo da vida do sujeito (Freud, 1926/1976). Entretanto, no texto de 1926, a separação da mãe se ordena em outra direção: a comparação com essa angústia primeira leva-o à castração na mãe, e a analogia à angústia traumática. Nas palavras de Freud:

Quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo perceptível pode por termo à situação perigosa que lembra o nascimento, o conteúdo de perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda de objeto. É a ausência da mãe que agora constitui o perigo. E, logo que surge esse perigo, a criança dá o sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica se estabeleça. Essa mudança constitui o primeiro grande passo à frente na providência adotada pela criança para sua auto-preservação, representando ao mesmo tempo uma transição do novo aparecimento automático e involuntário da ansiedade para a reprodução intencional da ansiedade como um sinal de perigo. (Freud, 1926/1976, p. 161-162)

Em continuidade ao trauma do nascimento e às perdas dos primeiros objetos, o sinal de angústia anuncia a aproximação de algo capaz de deixar o eu sem recurso, o que coloca a existência do sujeito em jogo. Desse modo, o sinal tem a função de revelar a possibilidade de que uma situação de desamparo aconteça. Assim, sendo a primeira experiência de ansiedade, o nascimento, constituindo-se numa separação da mãe, Freud a compara a uma castração na mãe. A libido da mãe desliza de novo, como na menina, ao longo da equação simbólica, para uma nova posição. “Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor” (Freud, 1925/1976, p 318). Seu complexo de Édipo culminará no desejo de receber como presente um filho do pai. “Sendo assim, esta substituição, que pertence ao Complexo de Édipo, reintroduz o que já estava logicamente antes: a castração na mãe” (Cosentino, 1995, p.115).

Um outro ponto importante para a mudança conceitual em torno da angústia se dá em função da re-leitura empreendida por Freud do caso *Hans, uma fobia infantil*, que põe às claras o complexo de castração em suas vias iniciais (Freud, 1926/1976). Ali, uma novidade se introduz no cenário da angústia: a noção de um perigo externo na base da angústia de castração. Hans teme ser mordido pelo cavalo e, em última instância, teme ser castrado pelo pai, como sublinha Freud. Ele considera que a angústia experimentada por Hans pode ser vista como “realística”, já que o fato da criança acreditar que pode ser castrada pelo pai nos introduz na constatação de um perigo real. Logo, a angústia é experimentada a partir de algo que incide “de fora” e nesse sentido, a angústia é anterior ao recalque. O recalque é secundário à angústia, já que ele se dá numa tentativa de evitar a angústia de castração. É por ele que o mecanismo da projeção, próprio às neuroses toma forma. Tomar o interno como se fora externo é o que faz Hans.

De acordo com Vieira (2001) Freud, libertando-se da concepção energética, desenvolve plenamente as consequências de um complexo de castração, situado a partir do complexo de Édipo, como aquilo que está na base das perturbações neuróticas e da constituição da realidade psíquica. “Tudo funcionará sobre um perigo, a castração, que coloca em marcha os processos inconscientes” (p. 60). A partir da releitura do caso Hans, Freud traça uma estrutura comum para os diferentes tipos de neuroses, todas as neuroses são maneiras de lidar com a castração. Desde então, a diferença entre as neuroses será referida às diferentes respostas sintomáticas à castração que elas manifestam.

Como podemos perceber a angústia é compreendida como afeto de base do processo de constituição psíquica e Freud a qualifica segundo dois tipos. No primeiro,

denominada angústia automática aproxima-se da angústia originária. Esta angústia será vivenciada sempre que o sujeito se encontrar exposto a situações traumáticas. A emergência dessa angústia é determinada pelo desamparo psíquico diante do acúmulo de excitações que podem ser deflagrados tanto a partir de seu interior, quanto do exterior. Da situação de perigo como se constituindo no perigo de castração, Freud faz desdobramentos para dizer que se trata do perigo de uma perda. Perda do amor do objeto, reatualização do trauma. Freud postula, então, que a angústia é anterior ao amor, à relação com a mãe, e que está sempre presente (Freud, 1926/1976).

É preciso lembrar que Freud, ao introduzir na teoria a ideia de um conflito pulsional entre as pulsões de vida e as de morte, é levado a pensar a angústia desde um outro lugar e a articulá-la, também, ao que escapa à trama edípica. De acordo com Fuks (2001) um dos aspectos mais importantes da torção teórica dos anos vinte foi o de ter trazido ao entendimento psicanalítico os sintomas que indicavam a existência de um campo sem qualquer ligação com o complexo de castração. “Ou seja, Freud endereçou sua escuta para além dos caminhos da libido, sem que tenha sido necessário, em momento algum, abandoná-los de todo” (Fuks, 2001, p. 3).

Assim, tais mudanças levam o autor a postular uma ligação direta entre trauma e angústia: o traumático, algo da ordem do excesso pulsional e irreduzível às malhas da simbolização, leva, de forma imediata e intensa, à emergência da angústia. A angústia, não é, portanto, criada novamente no recalque, ela é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente.

No segundo tipo, a angústia é conveniente e tem a função de impedir o aparecimento da angústia automática, o aparato psíquico precisará da angústia como alerta, como sinal que o protegerá contra uma vivência traumática que lhe traria de volta

a angústia automática. Aqui, a angústia funciona como uma sentinela que dará o sinal para que o psiquismo possa preparar-se para defender-se, colocando em marcha o processo de recalque. A esse respeito, Baas (2001) comenta que “falar assim de antecipação no sinal de angústia, implica que uma angústia mais antiga foi vivenciada; em outras palavras implica um traumatismo originário”. Assim, uma situação de perigo é qualquer situação reatualizada do desamparo já vivido originalmente. E a angústia é a reação diante do desamparo, sendo reproduzida nas situações de perigo como um sinal em busca de ajuda.

É também em “*inibições, sintomas e angústia*” (1926/1976) que Freud retoma a relação entre a inibição, a angústia e o sintoma. Interrogando o sintoma obsessivo, ele delineia uma articulação possível entre a inibição e o sintoma pelo viés da angústia. A inibição se relaciona com o eu, ocorre exclusivamente no eu e pode, com frequência, representar “o abandono de uma certa função porque na base de sua execução se desenvolveria a angústia” (Freud, 1926/1976, p. 108). Produz-se, então uma parada do movimento, um não funcionamento, com a finalidade de evitar a angústia. Desse modo, o que está em questão na inibição é a limitação de uma das funções do eu: a função sexual, a de alimentação, a de locomoção e a de trabalho.

Para Freud, a relação com o sexual está presente mesmo nas inibições relativas às funções não sexuais, pela sexualização ou erotização, ligadas a ela. A partir da clínica, ele observa que o eu renuncia a determinada função a fim de evitar entrar em conflito com o id para não ser obrigado a efetuar um novo recalque. Assim, a inibição antecipa o perigo através do uso de mecanismos que consistem em manter fora da ação a função erotizada. Evita-se o surgimento da angústia e, conseqüentemente, um novo recalque.

Já o sintoma, diferente da inibição, é ele próprio substituto de uma satisfação pulsional interceptada e, ao mesmo tempo, é o indício da presença dessa satisfação. Forma paradoxal de satisfação, por atualizar, presentificando a interdição da satisfação que vem substituir. Aqui, como comenta Vicente (2000), o sintoma não é mais uma formação de compromisso que responde secundariamente à presença da angústia, e sim uma solução primária ao problema da satisfação pulsional. A esse respeito afirma Freud:

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de recalque. O recalque se processa a partir do ego quando este – pode ser por ordem do superego - se recusa a associar-se com uma catexia pulsional que foi provocada no id. O ego é capaz, por meio da repressão, de conservar a ideia que é o veículo do impulso repreensível a partir do tornar-se consciente. (Freud, 1926/1976, p. 112)

Os sintomas, segundo o autor, são formados a fim de evitar uma situação de perigo que foi assinalada pela geração da angústia. Eles só se formam a fim de evitar a angústia. Reúnem a energia psíquica que de outra forma seria descarregada como angústia: “A geração de angústia põe a geração de sintomas em movimento e é, na realidade, um requisito prévio dela, pois se o ego não despertasse a instância de prazer-desprazer gerando angústia, não conseguiria a força para paralisar o processo que se está preparando no id e que ameaça com perigo” (Freud, 1926/1976, p. 169).

Ao ser abordado em parceria com a inibição e a angústia, o sintoma ganha novo estatuto na obra freudiana: além de ser definido como uma alteração da função do eu,

impõe sofrimento ao sujeito. Ele não é mais apenas o retorno de uma representação recalçada, há nele uma fixação pulsional que atua em sua dinâmica.

Embora ligada a uma função do eu, isso não impede que o laço com a causa do desejo no plano inconsciente esteja presente na inibição¹. É o que Freud propõe quando diz que algumas inibições podem se apresentar como sintomas, ou seja, em alguns casos a inibição se liga a um modo de satisfação pulsional que caracteriza a estrutura do sintoma. Nesses casos, ele fala de inibições neuróticas que surgiriam como defesa diante da erotização da função, do excesso de sentido que captura e dificulta ou paralisa a capacidade, por exemplo, do sujeito de andar, ou de comer. Lembramos, aqui, o caso clínico desse estudo, no qual podemos considerar a presença de uma dificuldade na função intelectual relativa à vida escolar. Assim como pode ocorrer com outras funções específicas, a atividade intelectual fica prejudicada quando sua significação sexual é aumentada. Isto pode ser identificado no caso de Melina, no qual a energia pulsional parece ter ganho o terreno do corpo, se expressando na dificuldade do uso da função intelectual, circunscrita ao âmbito escolar. A função intelectual ficou impedida de realizar-se, caracterizando, assim, a inibição, não havendo a modificação desta função, como se daria em um sintoma.

No percurso que realizamos, a partir dos recortes aqui efetuados, constatamos que Freud, ao longo de sua obra, vai abandonando parte da teoria da angústia de 1917 para adotar um novo modelo teórico em 1926, onde se dá uma inversão da proposição da primeira teoria: não é mais o recalque que causa a angústia, conforme as ideias expostas na *Conferência XXV*, mas é a angústia quem causa o recalque (Freud, 1926/1976, p. 103-104).

¹ Abordaremos a trajetória de Freud em relação à inibição adiante, no capítulo 3.

Em seu texto *Angústia e vida pulsional*, Conferência XXXII, (Freud, 1933/1976), o autor recapitula os pontos traçados no artigo de 1926, resumindo o que ficou aí estabelecido. Ele retoma a discussão entre a geração da angústia e a formação dos sintomas, afirmando que ambos se representam e se substituem. Reafirmando que o recalque não seria responsável pela geração da angústia, mas, ao contrário, a angústia poderia ser deflagrada ou inibida, dependendo do acionamento das defesas do ego; não importando de onde venha o perigo. Desse modo, angústia seria resultante da incapacidade do ego de acionar defesas diante de uma situação de perigo. Neste texto, ele abandona sua tese de que a angústia é um produto da libido transformada e permanece sustentando uma dupla origem da angústia, como consequência direta do momento traumático e como sinal de uma reprodução do trauma originário.

Considerando a importância que a reflexão freudiana da angústia tem para a abordagem da inibição, procuramos, nesse percurso, mostrar o caminho teórico percorrido por Freud até chegarmos à articulação entre os conceitos de inibição, sintoma e angústia, promovida em sua revisão em 1926 e reorganizada em *Angústia e vida pulsional* (1933/1976), que lhe permitiu afirmar que a geração da angústia e a formação dos sintomas se representam e se substituem uma à outra; e a inibição surge como um anteparo contra a angústia, como medida de precaução, por meio de uma renúncia. Neste trabalho, ao lançar mão da inibição, Melina tentou se proteger da angústia. Entretanto, ficou claro que a inibição intelectual, de modo algum, consistiu numa medida suficiente para protegê-la da angústia.

No próximo capítulo, seguiremos com a temática da angústia, dessa vez com as considerações de Lacan, enfatizando as contribuições e os avanços que este autor

promoveu a partir dos impasses encontrados por Freud. Especialmente as formulações desenvolvidas em seu seminário sobre o tema, *Seminário 10, A angústia* (Lacan, 2005).

CAPÍTULO 2 – A ANGÚSTIA EM LACAN

Nada, é, portanto, o que causa a angústia e nada também o que a cura. O nada angustia, e, do nada a angústia retira a sua força. É precisamente este nada que uma análise pode transformar em exigência de trabalho e, em consequência disso, eventualmente, engendrar o novo.

Vieira, 2001

Se para Freud a angústia é causada pela perda do objeto, para Lacan, ela está ligada a certa relação entre o sujeito e o objeto perdido. Na visão deste autor não há angústia sem a presença do objeto que ele chamou *a*, objeto causa do desejo. Foi em relação à angústia que ele criou isso que ele considera sua única invenção: o objeto *a*. “O objeto *a*, este ano, está no centro de nosso discurso. Se ele se inscreve no âmbito de um Seminário que intitulei de “a angústia”, é por ser essencialmente por esse meio que se pode falar dele, o que também quer dizer que a angústia é sua única tradução subjetiva” (Lacan, 2005, p. 113).

Em seu *Seminário A relação de objeto*, Lacan (1995) reviu a noção freudiana de objeto, criticando a relação de objeto estabelecida pelos pós-freudianos e introduzindo a noção do falo como mediador do desejo, vinculando o objeto com a castração e o desejo. Como consequência, o objeto é liberado do campo narcísico estabelecido na relação especular. Por sua vez, a angústia, também, não pode ser concebida sem sua relação primordial com o conceito de castração. Para Harari (1997) “Não se pode pensar o objeto *a* sem se remeter à castração” (p. 44). Nessa nova conceituação, Lacan (1995)

retoma a teoria da castração de Freud e examina a função do falo², elevando-o ao estatuto de um conceito psicanalítico: o de significante.

Lacan (1995) afirma que o falo é um significante na medida em que está destinado a designar a falta do objeto. Ele aponta para uma falta, o falo feminino. E, segundo Viola (2008), por indicar uma falta, retira o homem das leis da necessidade e o lança nas leis da linguagem, na lei do desejo. Aqui, nesse Seminário, o objeto em questão é o falo; e a mãe, como mulher, é o personagem central, apresentando-se imaginariamente, dele desprovida. Lacan (1995) retifica o valor do eu como objeto apresentado no estágio do espelho. O objeto continua imaginário, porém traz um valor de menos, e o seu correlato passa a ser o $(-\phi)$ ³.

A criança, ao experimentar o falo como fundamental para o desejo da mãe, a ele se identifica. Ela acredita poder satisfazer a mãe desse lugar de falo imaginário e, para Lacan (1995), o desejo da criança de ser o falo só pode nascer ao conjugar-se com o desejo materno, ou seja, ao conjugar sua própria falta à falta da mãe. Assim o falo ocupa um lugar ordenador na relação da criança com a mãe.

A noção de falta de objeto e de falo referido à falta imaginária pode ser melhor elucidada através da noção de castração. A castração, para Lacan (1966a/1998), trata-se de uma separação, efeito de um corte produzido pelo pai, entre a mãe e a criança, rompendo o laço imaginário e narcísico entre eles. Tal rompimento impõe uma falta. Trata-se aqui da função do pai real, da qual resulta a função simbólica que fará valer a

² De acordo com Stenzel (2011, p. 40) há uma transição, no Seminário *Relação de objeto* (1957-1958), no estatuto do falo que, de objeto passa a significante do desejo. Neste momento do ensino de Lacan há a preponderância do significante: o Nome do pai é significante; o falo é significante; o ideal do eu é um significante, e assim com todos os conceitos psicanalíticos. Ele busca dar um estatuto simbólico a todos os elementos, pois acredita que, para operar com eles na análise, é necessário que tenham estatuto de significante.

³ Lacan faz o seguinte movimento em relação ao falo. O significante fálico, (Φ) , passará ao falo imaginário que aparece no primeiro tempo do Édipo, como o desejo da mãe, que a criança busca e, portanto, positiva-o, $+\phi$. Trata-se de ser o falo. Porém, nos outros tempos do Édipo, o phi é negativedo, numa operação simbólica que remete à castração, que manterá o falo imaginário como $(-\phi)$. (Stenzel, 2011, p. 52)

castração. Então, instala-se, para cada um deles, mãe e filho, a falta de objeto, o falo concebido como terceiro entre os dois. O falo, (-φ), aparecerá como aquilo que o significante não recobre, como falta, como o que não se pode ver, como uma imagem negativa conectada ao simbólico. “Opera-se, assim, um deslizamento do objeto especular, ou seja, daquele que podia ser visto para esse que faz aparecer uma falta” (Viola, 2008, P. 34).

De acordo com Viola (2008), se o falo é o elemento central na relação mãe-bebê, ainda que um elemento negativo, o significante que o designa torna-se, assim, um conectivo com a castração. Faz-se importante ressaltar que, nesse momento de sua obra, Lacan (1995), em concordância com Freud, considera que a angústia (de castração), diferente do medo, é sem objeto, e que ela é um sinal de perigo, perigo de desamparo; para Freud pela perda do objeto, para Lacan pela falta do objeto.

Mas é no o *Seminário X, A angústia* (Lacan, 2005), que o objeto passa por uma modificação teórica bastante relevante. Até aqui, a teoria da angústia de castração em Lacan repousa sobre a significação do falo. O Édipo traz a lei e a interdição pela via da castração, que incide sobre o falo imaginário. A ameaça de castração implica, nesse caso, a incidência do outro (Alvarenga, 2006). Nesse momento, Lacan traz elaborações que relativizam e situam o Édipo e o pai de outra forma. Nele, há uma disjunção entre o Édipo e a castração, generalizando a castração sob as espécies da separação e da queda do falo significante, em proveito da ascensão da função do objeto *a*. O objeto *a* não é determinado pela interdição, mas pela separação. Para Alvarenga (2006), a via está aberta para a generalização da castração, mas não será mais função do Édipo e do pai.

Assim, a lógica fálica, cuja referência é o simbólico, dará lugar à formulação do objeto no registro do real nesse Seminário (Lacan, 2005). Até então, Lacan sublinhava que o desejo habita as entrelinhas da cadeia significante enunciada. O objeto de desejo

se localiza como resto no intervalo da cadeia entre um significante e outro. A partir desse Seminário, o objeto será um resto real, fora das malhas do significante, e que não pode ser absorvido por esse. Para situarmos o objeto dentro da perspectiva desse Seminário, vamos acompanhar as diversas formas que ele toma nas elaborações de Lacan para tratar a questão.

A pesquisa lacaniana acerca do objeto tem início pela vertente da imagem. O objeto *a* se configura pela entrada na linguagem. É a partir da introdução primária de um significante e a formulação de uma imagem de si, enquanto eu, a partir do outro, a imagem de um corpo próprio, que o sujeito se constitui. Lacan (2005) considera que a angústia surge na presença de objeto. Tal objeto está relacionado ao traço unário da constituição do sujeito. Segundo esse autor, traço unário é um traço que é um, uma notação mínima que marca a estrutura. É a partir dele que se pode fazer uma contagem para a existência do sujeito. “Só há aparecimento concebível de um sujeito como tal a partir da introdução primária de um significante, e do significante mais simples, aquele que é chamado traço unário” (Lacan, 2005, p. 31). É aquele significante cuja inscrição é uma marca que funcionará como base das futuras inscrições. Deste modo, o traço unário é anterior ao sujeito e anterior à construção do sujeito. Há de existir o Outro como suporte do advento do sujeito. Assim, é a partir de um Outro que o sujeito receberá os elementos para a sua constituição.

Esse primeiro momento de formação do eu, Lacan (1998, p.96-97) relaciona ao estágio do espelho, fase em que o eu se define por uma identificação com a imagem de um outro real. Esta identificação antecipa uma imagem de totalidade, inaugurando a dialética entre essa imagem e a experiência do corpo despedaçado. O estágio do espelho refere-se ao momento em que o bebê, entre os 06 e 18 meses, colocado por um adulto

que o segura em posição ereta, surpreende-se, com júbilo, ao ver sua imagem refletida em um espelho.

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica. (Lacan, 1998, p. 100)

Nesse primeiro momento de estruturação do sujeito, a criança, com suas fantasias de corpo fragmentado, dada sua prematuridade neurofisiológica, se antecipa numa unidade a partir da imagem do outro, a partir da imagem do próprio corpo encontrada no espelho, na qual ela vai se alienar virtualmente. Sobre isso, Greco (2011) comenta que a visão do corpo inteiro no espelho, pela primeira vez, desperta manifestações de júbilo na criança, que, imediatamente, olha para o adulto para encontrar, no olhar do outro, a confirmação do que vê no espelho, que passa a ser admirado por ela como seu eu ideal.

Dito de outro modo, a partir daí, a criança se volta para aquele que a segura, que representa o grande Outro, buscando a confirmação daquilo que viu e que fixou, ou seja, sua imagem como totalidade. Essa imagem de totalidade que vem do Outro não passa de uma ilusão. Ao mesmo tempo em que esta imagem será responsável pela constituição do eu, ela terá também um caráter alienante, já que a imagem que o bebê toma como sua e onde se vê capturado, lá, o sujeito não está e o que vem ali se alojar é o sujeito imaginário, a imagem especular. Tal imagem, mesmo sendo alienante inicialmente, será a partir dela, do furo⁴ inscrito nela, que o sujeito poderá se constituir.

⁴ De acordo com Castilho (2007) a ideia do imaginário apoiada sobre o estádio do espelho não seria suficiente para darmos conta da dimensão do objeto que se apresenta na angústia. Lacan (2005) fez uma passagem do estádio do espelho ao esquema ótico. No estádio do espelho temos a ilusão de que a pulsão está ligada à imagem, na passagem para o esquema ótico Lacan cria o furo.

O estágio do espelho é, ao mesmo tempo, o momento de constituição do eu imaginário e o momento de subjetivação, de constituição do sujeito futuro, ainda que virtual. Se é a partir do furo inscrito na imagem que o sujeito virá a se constituir, o vir a ser de um sujeito depende daquilo que a imagem tenta encobrir, o furo. A imagem visível do estágio do espelho porta em si algo de invisível, um vazio.

Este vazio que Lacan nomeará de $(-\phi)$, posteriormente, funcionará como um resto, algo que se perde na assunção da imagem especular. Na troca de olhares entre a criança e sua mãe é necessário que esteja inscrita, desde já, uma falta, algo não especularizável. Isso que comparece à margem é o objeto a , objeto causa de desejo.

Lacan (1986) representa a dialética do estágio do espelho valendo-se de um esquema visual inspirado na física, o esquema ótico. Segundo Viola (2008), através deste modelo teórico, ele procura evidenciar a presença do imaginário e do simbólico na construção do sujeito do inconsciente. De acordo com o experimento, um espelho côncavo é colocado frente a uma caixa oca. Dentro dela estará um vaso vazio, de cabeça para baixo. Sobre esta caixa será colocado um ramalhete de flores. A imagem real, que o espelho côncavo faz aparecer, nos dará a ilusão de estarmos vendo um vaso com flores. Se colocarmos um espelho plano atrás de um objeto refletido por um espelho côncavo, a imagem que parece no espelho plano será uma imagem virtual. O processo de constituição do corpo próprio depende dessa dinâmica. Da junção dessas duas imagens, a de um corpo experimentado como despedaçado e sua projeção organizada. (Viola, 2008; Greco, 2011; Sternick, 2010).

Conforme Viola (2008), o eu ideal no espelho côncavo e sua projeção no espelho plano Lacan situa como ideal de eu formado a partir da projeção do eu ideal. Essa projeção se orienta por um significante, o próprio ideal de eu. Ele é o significante que

media a imagem totalizante, é o ponto de onde o sujeito se vê como visto pelo outro e pode ser definido como um lado simbólico, situado no campo do Outro. É importante ressaltar que o vazio do vaso que não se vê equivale às pulsões que só se mostram em ação.

Dando continuidade ao estudo da angústia e sua relação com a falta de objeto, Lacan (1999) dá início à escrita do grafo do desejo em *As formações do inconsciente*, o qual tem sua elaboração finalizada no artigo de 1960, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (Lacan, 1966a/1998). O autor construiu esse grafo para situar a estrutura do sujeito em sua relação com o significante e desenvolver o conceito de desejo:

[...] construído e ajustado a céu aberto para situar em sua disposição em patamares a estrutura mais amplamente prática dos dados da nossa experiência. Ele nos servirá aqui para apresentar onde se situa o desejo em relação a um sujeito definido por sua articulação pelo significante.
(Lacan, 1966a/1998, p. 819)

Esse esquema ilustrará a constituição do sujeito, ressaltando o seu desejo que se origina no Outro e os pontos de angústia que surgem nesse processo. Com esse esquema Lacan representa a pergunta *Che vuoi?* (o que queres?), dirigida pelo sujeito ao enigma do desejo do Outro. Existe um Outro, tesouro dos significantes, a quem o sujeito dirige a pergunta sobre seu ser, esse Outro torna-se portador de um enigma, ao qual o sujeito não encontra a resposta. O que o sujeito obtém como resposta a este enigma é que ao Outro falta um significante. O sujeito se depara com o desejo do Outro. A esta falta, Lacan chama de castração.

No estágio do espelho, Lacan relaciona o desejo ao desejo do outro como semelhante. No entanto, no grafo do desejo, ele demonstra que o desejo é,

essencialmente, relacionado ao grande Outro, revelando, assim a função desse Outro na produção da angústia no sujeito.

No intuito de esclarecer o grafo do desejo, vamos situar o que é o desejo para Lacan. Em Lacan o conceito de desejo remete à falta, logo, à linguagem. Assim, ele não está relacionado a um objeto que o satisfaz, mas a um significante que faz marca. “É a marcação inicial da essência da relação desejante, em que $i'(a)$ adquire prestígio e torna-se a referência do deslocamento neurótico na busca de objetos no mundo” (Boni Júnior, 2010, p. 179). O sujeito é inserido na linguagem antes mesmo de nascer, pelo Outro parental. Isso significa que o sujeito é, em primeiro lugar, um objeto afetado pelo desejo, é determinado pelo Outro, ou seja, pelos significantes da linguagem. Deste modo, o desejo é o efeito da inscrição do significante sobre o sujeito. É no Outro, marcado pelo significante, que o sujeito pode encontrar seu desejo e se sustentar como desejante. De acordo com esse autor:

O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto do meu desejo.
(Lacan, 2005, pp.32-33)

Assim, é a partir do que falta ao outro, daquele significante que a ele é faltoso e que ele desconhece que o sujeito se coloca como objeto. Para ser desejante, o sujeito precisa ter sido determinado como objeto pelo Outro. Esbarrar com o desejo do Outro deixa o sujeito no desamparo, pois não há no Outro nenhum significante que venha responder ao ser do sujeito (Chediak, 2007). É a partir desta constatação, que não é sem angústia, que o sujeito constrói respostas visando encobrir o ponto traumático.

O grafo do desejo é retomado por Lacan, no *Seminário X*, do qual ele se utiliza para falar da relação essencial que há entre a angústia e o desejo do outro. Ele traz a distinção entre necessidade e demanda, tomando a necessidade como primária, do lado do conhecimento e da satisfação; e a demanda ligada à pulsão, ao saber e a seu estado de insatisfação. É por estar marcado pelo significante que o sujeito, ao dirigir ao Outro suas necessidades, as recebe em forma de demanda e, a partir daí, se vê alienado, servo da demanda do Outro. Porém, nem tudo da necessidade pode passar à demanda, há sempre um resto. O que resta da operação de subtração entre a necessidade e a demanda Lacan chama de desejo. O desejo é aquilo que resta, o que escapa dos significantes do Outro. Ele é articulado, mas não é articulável (Lacan, 2005); pois mesmo não estando na cadeia significante do discurso, ele é por ela articulado. É no discurso do Outro que ele é articulado e cai como resto. O desejo do sujeito é desse modo, dependente da demanda do Outro.

No contexto do *Seminário 10*, Lacan vai considerar que há um resto, alguma coisa que não cede ao significante. O objeto *a* está nesse lugar de resto. É ele que faz alusão à falta. Lacan enfatiza a irredutibilidade dessa falta, que é radical, na própria constituição do sujeito. É a partir desse posicionamento que o objeto *a* assume sua função de causa do desejo. Na medida em que ele é sobra, reconhecemos, estruturalmente, nesse resto, o objeto perdido. O objeto *a* é o que “lidamos por um lado, no desejo, por outro, na angústia” (Lacan, 2005, p. 179). A angústia se torna, a partir de então, o caminho de acesso ao real. “A angústia nesse seminário é uma abordagem que visa outra coisa. A referência que tomei o indica. O que é esta outra coisa? A angústia é uma via que visa o real, utilizando outra coisa que não o significante.” (Lacan, 2005, p. 267). Assim, a angústia é uma via de acesso ao objeto pequeno *a*. Para Miller (2005), ela é concebida como a via de acesso ao que não é significante.

Costa-Moura e Costa-Moura (2011), citando Lacan (2005), nos dizem que ele concebe o objeto *a* como um objeto em negativo. Como correlato do corte irreversível que o significante faz incidir no corpo do falante, o objeto *a* é um objeto negativo, que só dá notícia nos cortes em que se marca para o sujeito. O que se representa dele é sua forma de corte anatômico, na qual se decalca a função de certos objetos que Lacan qualifica como radicalmente parciais, objetos que valem por terem sido extirpados; caros por sua queda, ou sua caducidade, por serem os restos caducos, destinados a cair, da operação que deu origem ao sujeito (Lacan, 2005). Para Viola (2008), em seu conjunto, esses são a expressão da fundação do sujeito no Outro por intermédio do significante, não havendo sequer um deles que complete o sujeito, vindo, assim, a esgotar o desejo. Segundo Lacan (2005):

Na verdade, a questão é determinar, em todos os níveis, qual é a função do desejo, e nenhum deles pode separar-se das repercussões que tem sobre os demais. Une-os uma solidariedade íntima, que se expressa na fundação do sujeito no Outro por intermédio do significante e no advento de um resto em torno do qual gira o drama do desejo. (p. 267)

Nessa direção, Miller (2005) afirma que nesse Seminário (*A angústia*), a ação do significante sobre o corpo se torna efeito de corte e separação. O objeto será essa parte caída do próprio corpo. O corpo fragmentado do estágio do espelho dará lugar à pluralidade dos objetos parciais. Assim, conforme Costa-Moura e Costa-Moura (2011), o modo de apreensão do desejo do Outro na operação de constituição do sujeito marca as diversas formas que o objeto *a* toma nos diversos estádios de estruturação do desejo. Aos objetos oral, anal e fálico de Freud (1905/1976), Lacan (2005) acrescenta o olhar e a voz como possíveis semânticas para o objeto *a*. Todas configuram o objeto como

perdido, nos diversos níveis da experiência corporal em que se produz o corte introduzido pelo significante.

No funcionamento fálico é também à imagem de um corte, de uma separação, detumescência iminente que opera como objeto. Lacan (2005, p. 261) ressalta essa função de detumescência que está em jogo no funcionamento fálico. Ele nos diz que o mais importante é essa possibilidade da falta do instrumento que regula todo o funcionamento fálico.

Segundo Miller (2005), o $(-\phi)$ do Seminário X não é mais o símbolo da castração, mas denota uma propriedade anatômica do órgão masculino. Trata-se da detumescência que atinge o órgão no momento do gozo, uma particularidade humana que não mobiliza nenhum agente da castração, mas que é um dado constatado. Deste modo, a castração é ressituada como um caso particular de uma função generalizada, a do desaparecimento de um órgão. Ela não será mais concebida como um efeito do simbólico da palavra do pai, mas uma operação que se passa no real do corpo decepado de uma parte. Assim sendo, o corpo não é mais tomado pela via de imagem recoberta pelo simbólico, mas recortado por bordas e furos. Quando Lacan escreve $(-\phi)$, no Seminário 10, ele traz o contrário da falta de objeto, ou seja, sua presença aí, onde ele não é apreendido pelo significante. Quando ele vai além da angústia de castração, ele traz uma crítica ao falo imaginário e sua ilusão de potência. O $(-\phi)$ é o falo dessignificantizado, é o pênis real como órgão real.

Assim, o *Seminário X* realiza a disjunção entre o Édipo e a castração, generalizando a castração sob as espécies da separação e da queda do falo significante, em proveito da ascensão da função do objeto *a*. Miller (2005) pontua que, antes, o que conhecíamos em Lacan era o corpo do estádio do espelho. Um corpo suscetível de ser significantizado, diferente do corpo do *Seminário 10*, no qual, “o corpo é restituído ao

que ele (Lacan) chama de todas as suas particularidades anatômicas. Não é um corpo fora do significante, e, como ele mesmo assinala, a anatomia comporta a função do corte” (Miller, 2005, p. 19). A função do corte é separar um resto, que não é significantizado. É pela via da separação, separação de órgãos, que o falo simbólico é destituído de sua primazia. Antes, a falta do objeto se inscrevia no campo do outro. Agora é referida ao efeito de uma perda natural, própria da sexuação. O objeto *a* não é determinado pela interdição, mas pela separação, separação que Lacan chama de “*separição*, para indicar que é algo como uma partição no interior, que concerne ao sujeito do organismo” (Miller, 2005, p.56). O objeto *a* é o que há de mais eu mesmo no exterior, por ter sido cortado de mim.

Retomando o esquema ótico, no *Seminário 10*, Lacan o modifica, introduzindo mais uma torção, ao incluir a dimensão de real à sua organização. De acordo com Martins de Almeida (2010), ao apresentar o esquema nesse momento, é possível identificar a articulação entre o falo negatizado, representado como $(-\phi)$, o objeto *a* como o que não tem imagem especular e $i(a)$, como imagem do objeto do desejo. Neste sentido essa última torção coloca uma diferença fundamental em relação ao estádio do espelho e ao esquema ótico ao introduzir um ponto que fura o esquema porque não aparece na imagem.

Para Castilho (2007), o que é fundamental na distinção do estádio do espelho para o esquema ótico é que há uma máquina que tem dois espelhos, um convexo do lado esquerdo e um plano no meio. Aquilo que acontece do lado esquerdo, não necessariamente se reproduz no lado direito. É nessa assimetria que vamos ver que há um lugar no campo imaginário para se perceber o objeto da angústia. “A ideia do estádio do espelho, numa relação narcísica, é a de pensar que tudo aquilo que está do lado do real está também presente nesse outro lado” (Castilho, 2007).

No esquema óptico, conforme descrevemos na página 49 deste trabalho, pode-se observar, do lado esquerdo e acima da caixa, um buquê de flores, e do mesmo lado e abaixo, dentro da caixa, um vaso vazio. Através do espelho côncavo se produz uma imagem do vaso envolvendo as flores que estão acima da caixa (denominada imagem real, $i(a)$). Do lado direito, como reflexo do espelho plano, a imagem formada das flores envoltas pelo vaso é refletida, criando a ilusão de realidade quanto à imagem das flores dentro do vaso (que será denominada de imagem virtual, $i'(a)$).



Esquema óptico simplificado (Lacan, 2005, p.54)

No esquema óptico simplificado, conforme a figura acima, Lacan representa o objeto a no lado esquerdo e o $(-\phi)$ do lado direito, demonstrando com isso que o $(-\phi)$ é o que aparece onde o objeto a não pode aparecer. “É a impossibilidade do objeto ser refletido na imagem que deixa um vazio que aparecerá como falta e será representado como falo negativado” (Martins de Almeida, 2010, p. 55). Assim, uma parte do investimento libidinal, que não entra na representação imaginária, permanece investida no sujeito e fica como resto não contemplado pela imagem especular.

Deste modo, nesse Seminário, a introdução do objeto a traz consequências sobre a teorização do estágio do espelho e da identificação. A libido, anteriormente encampada pelo narcisismo, muda de perspectiva, passando a ser tomada como resto que movimentava o endereçamento do desejo ao Outro sexual. A imagem especular tem um limite. “Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto” (Lacan, 2005, p.48-49). Resto que não passa pela imagem, esse resto corresponde ao

falo como falta e, com referência ao imaginário, o falo vem com $(-\phi)$, forma de uma falta da castração imaginária, da imagem da falta. Seguindo com suas observações Lacan (2005) vai nos dizer que há dois tipos de identificações imaginárias: “Existe a identificação com $i(a)$, a imagem especular [...] e existe a identificação mais misteriosa, cujo enigma começa a ser desenvolvido aí, com o objeto do desejo como tal, a [...]” (p. 46). Nesta direção, Viola e Vorcaro (2009), nos trazem alguns esclarecimentos em como relacionar esse falo que falta na imagem, o $(-\phi)$, ao objeto a , um resíduo do real, uma vez que o autor afirma que só pode imaginar esse objeto no registro especular (Lacan, 2005). De acordo com elas:

É a partir da identificação primária com um significante que as outras identificações se tornam possíveis, dentre elas aquela que garante ao sujeito o reconhecimento de sua imagem corporal. O desejo é fundado nesse tempo inaugural. Ele depende da entrada do sujeito na ordem da linguagem, sobretudo por causa da clivagem do ego instituída por essa entrada que deixa o objeto a de fora. [...] Lacan nos lembra que a fantasia é precisamente o desvio imaginário que dá acesso, ainda que de forma artificial, à relação do sujeito com seu desejo. Ele reitera que tal acesso nunca é possível de maneira efetiva, porque o objeto a , suporte do desejo na fantasia, é invisível na imagem do desejo para o sujeito. Do lado do espelho, o lugar que corresponde ao a é uma lacuna, pois é o lugar vazio devido à ausência do falo. É nessa impossibilidade de representação especular que o falo e o a se correspondem. (pp. 879-880)

Ao se manifestar, esse resto, o objeto a , será presença de alguma coisa, diz Lacan. No lugar onde deveria se presentificar a castração, esse resto surge como mancha. Quando aparece alguma coisa aí é que a falta vem a faltar. “Mas se de repente, faltar

toda e qualquer norma, isto é, tanto o que constitui a anomalia quanto o que constitui a falta, se esta, de repente não faltar, é nesse momento que começa a angústia” (Lacan, 2005, p. 52). Portanto, o momento do aparecimento da angústia é aquele em que alguma coisa, uma coisa qualquer, aparece no lugar representado por $(-\phi)$. Quando aquele lugar reservado para uma ausência aparece preenchido.

Assim, conforme Pereira (2002, p. 111), “a angústia se instala quando se descortina ao sujeito o risco de rompimento dos limites que o separam *d’a - Coisa Originária*, quando não há mais falta a partir da qual desejar”. O autor afirma, ainda, que o objeto *a* não se constitui como objeto intencional do desejo. Refere-se antes ao elemento que sustenta, em sua fachada de promessa, o desejo e não o Nada. Portanto, o desejo é uma forma de relação à ausência, causado pela promessa de reencontro com *a - Coisa*, sustentada pelo objeto *a*. O objeto *a* constitui-se numa espécie de tampão, delimitante do vazio introduzido pela castração. Deste modo, a angústia, enquanto exposição crua ao objeto *a*, expressa a ameaça de que a falta estruturante produzida pela castração possa vir a faltar, lançando o sujeito no absurdo de *a - Coisa*.

No momento em que, em vez do nada que suscita a falta no Outro, aparece alguma coisa, em que algo aparece no lugar de *a*, provocando um sentimento de inquietante familiaridade/estranheza, o objeto passa a exercer uma função nova. É quando, segundo Lacan, a falta vem a faltar. Quando o *unheimliche* vem ocupar o lugar destinado ao $(-\phi)$. Este fenômeno do estranhamento, que nomeia o texto de Freud “*Das Unheimliche*” (Freud, 1919/1976), comporta esta dupla face: a marca da estranheza, de um desconhecimento de si, naquilo que me é mais familiar. Nesse texto, Freud utiliza-se do conto *O homem de areia*, de Hoffmann (1944), para ilustrar a questão do estranho familiar ali abordada (Viola e Vorcaro, 2009; Martins de Almeida, 2010).

Nesse mesmo texto, conforme Brepohl (2012), ele relata um exemplo próprio do sentimento de estranheza, no qual ele se depara com um homem estranho, que ele denomina de intruso e, em seguida, descobre que esse homem não passa de sua própria imagem refletida. Este é o próprio fenômeno do *unheimliche*, do desconhecimento de si mesmo, do estranho familiar. Ressalta-se, aqui, a posição não só de sujeito desejante, logo faltante, como também de objeto de gozo, na qual a subjetividade é aniquilada. É neste sentido que Lacan colocará que, no *Unheimlich*, a angústia denuncia o ponto limite entre o gozo e o desejo. Mais do que isto, ela sinaliza a eminência da obturação da falta, condição do desejo. “A angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dado pela falta” (Lacan, 2005, p. 64). Daí, Lacan dizer que a angústia não se dá pela ausência de objeto, mas pela relação com um objeto que faria a falta faltar.

Assim, de acordo com Viola e Vorcaro (2009), não é somente do desejo do Outro que a angústia é sinal. A angústia emerge quando o sujeito é tomado como objeto do desejo do Outro, quando ele perde sua subjetividade e vacila como sujeito, tal como se passa no fenômeno do duplo. Está aí o momento do *Unheimlich*, visto que o sujeito se identifica à imagem do objeto que é seu real irreduzível, perdendo-se, então, como sujeito, perdendo-se no labirinto de imagens duplicadas desse objeto que anulam a única imagem que ele reconhece.

Sendo assim, de acordo com Brepohl (2012), o surgimento do objeto *a* enquanto resto, enquanto um objeto destacado e distinto do Outro, institui uma relação ambígua entre ele e o sujeito. Aí, o objeto *a* pode aparecer como aquele objeto que completaria o Outro (como objeto de seu desejo), não deixando espaço para o sujeito, que se fundiria nele, retornando ao estado mítico de completude, de onipotência narcísica, pagando com isto, todavia, o preço de seu desaparecimento. Pode aparecer também, sem que se

exclua a primeira possibilidade, como objeto causa de desejo, que separa o sujeito do Outro, mas que o deixa numa condição de insatisfação, conseqüente da incidência da castração, num movimento de eterna busca por uma completude supostamente perdida. “No primeiro caso, estaríamos na dimensão do gozo, enquanto que, no segundo, na do desejo, cumprindo o objeto *a* esta dupla função para o sujeito. A angústia, por sua vez, surgiria nesta fronteira, neste ponto de união/separação entre desejo e gozo” (Brepohl, 2012, p. 44).

Nessa direção, Schejtman (2006a, 2006b) nos diz que Lacan traz duas versões, *no Seminário 10*, em relação à angústia: “Ele (Lacan) afirma que a angústia se produz quando o objeto se apresenta, quando falta a sua falta, porém, ao mesmo tempo, mostra que a angústia é a sensação do desejo do Outro e que ela irrompe quando estamos diante desse desejo” (p. 42).

Nessa segunda versão, podemos dizer que o sujeito se angustia por não poder situar seu lugar no desejo do Outro. “A angústia é assim, o encontro com o desejo do Outro na medida em que o desejo se manifesta como um aspecto do real” (Vieira, 2001, p.165). Ela ocorre quando desaparecem as coordenadas simbólicas que possibilitavam ao sujeito situar-se, apreender-se como algo cuja existência pode ser testemunhada por um ponto de vista qualquer. É como se o sujeito estivesse dentro do campo visual do Outro, sem que saiba de que ponto de vista é olhado. “como se fôssemos objeto de um olhar que não retorna para nós qualquer mensagem, acarretando, por conseguinte, o desaparecimento do sujeito enquanto entidade simbólica” (Lustoza, 2006). O angustiante é que o sujeito não possa formular um saber, permitindo localizar o que o torna desejável para o Outro. O desejo do Outro real apresenta-se enigmático por não obedecer a uma regra estabelecida. O sujeito experimenta, então, o desamparo, enquanto objeto diante do desejo do Outro.

Logo, a angústia surgirá quando emergir uma satisfação no Outro que contraria qualquer razoabilidade. O gozo do Outro se constituirá como “estranho” na medida em que entrar em contradição com o saber que o sujeito supõe ao Outro, levando o sujeito a interrogar o que o Outro quer? *Che vuoi?* Portanto, o desejo do Outro será o gozo do Outro colocado em posição de enigma (Lustoza, 2006) e o sinal de angústia se dá diante de um Outro que consome o sujeito como objeto de seu gozo, não restando ao sujeito qualquer recurso que possa capturar seu desejo através do significante. O desejo do Outro, enquanto avassalador deixa o sujeito novamente de cara com o real, desamparado, puro objeto. *Unheimlich*, estranho familiar, que está ali desde a origem, na inscrição da experiência traumática originária, no desamparo; mas que é estranho porque ali o sujeito não se reconhece.

O desamparo originário é reatualizado e o sujeito se vê mergulhado na angústia. O que lhe resta é buscar artifícios protetores, encobridores da ferida crônica. No início do *Seminário 10*, Lacan constrói um quadro, que é completado no final deste (Lacan, 2005, p. 22 e 89), no qual coloca os estados afetivos pelos quais um sujeito passa no decorrer de seu caminho em direção ao desejo, de forma que os três termos, inibição, sintoma e angústia, não se instalam no mesmo patamar, não são homogêneos e, em vista disso, os escreve em três linhas desniveladas. Aos espaços resultantes dessa disposição, ele atribui outros afetos. Esse quadro⁵ mostra os vetores que representam a dificuldade, no sentido horizontal e, o movimento, no sentido vertical, os quais crescem de dentro para fora. Enquanto na inibição trata-se da paralisação ou de um menor movimento, na angústia, apesar da dificuldade ser maior, há também um maior movimento possibilitando ao sujeito dirigir-se ao desejo. Desse modo, é a via da angústia que tornará possível inserir o objeto na constituição do desejo.

⁵ Este quadro será retomado no próximo capítulo, quando trataremos da inibição.

No capítulo seguinte apresentaremos as respostas que o sujeito pode apresentar ao *Che vuoi?* do grafo do desejo, articulando-as aos estados afetivos, descritos no referido quadro, e situaremos, retomando o caso clínico, como Melina, em seu processo de análise, pode pela via da angústia, retomar seu caminho em direção ao desejo. Nesse percurso, daremos ênfase à inibição, já que esta se constituiu em uma via privilegiada, por Melina, para se proteger da angústia.

CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS DESVIANTES À ANGÚSTIA

Como vimos anteriormente, Lacan (2005) delimita duas instâncias que se inter-relacionam para o objeto *a*; uma referida ao gozo, mais diretamente à ideia de resto ou sobra da operação de separação e a outra referida ao desejo, a partir da extração que delimita uma falta e que remete à ideia do objeto como causa do desejo.

A dimensão do objeto como resto seria o substrato que permite a localização do objeto como causa (Martins de Almeida, 2010). É como causa que o objeto *a* sustenta o desejo. E Lacan nos diz que a angústia é o mais radical dos modos de sustentação do desejo, sendo ela quem demarca cada uma das incidências do objeto *a*. “Ela é a tradução subjetiva do objeto *a* na medida em que é ela que sinaliza os momentos de aparição desse objeto. Nesses momentos, o sujeito é acometido pela angústia porque o desejo, causado pelo *a*, está prestes a invadir o campo do gozo” (Viola e Vorcaro, 2009). Assim, o que a angústia sinaliza é a possibilidade para o sujeito do reencontro com o gozo primordial, o que o colocaria na condição de puro objeto de satisfação do Outro. A presença do objeto como o que se apresenta no lugar para o qual está previsto a falta provocaria angústia frente à iminência de uma aniquilação subjetiva.

Em relação à dimensão do desejo, Lacan (2005) no Seminário 10, *A angústia*, retoma o grafo do desejo para abordar a relação entre a angústia e o desejo do Outro. O sujeito se angustia diante do desejo do Outro, enquanto desconhecido e que o visa. É frente a esse enigma que surgiria a angústia, pois não há um significante da falta do Outro e fica a questão sobre que objeto *a* se é para esse desejo.

Caminhando nessa direção, Mattos Filho (2009) evidencia que a alienação ao Outro, para nele encontrar as vias da satisfação, na qual também desponta a falta pela cadência da presença-ausência do Outro materno, evidencia, em primeiro plano, o

destino da submissão da criança à lei do capricho primordial. E isso, num ponto limite de indecível, não oferece senão a suspensão angustiante da criança entre a ameaça de devoração por ser o objeto que falta ao Outro, e o abandono fatal de não ser o que o outro deseja.

Logo, detrás de todo desejo humano existe a marca deixada pela demanda do Outro, ficando o desejo articulado a estas marcas. Se o desejo do sujeito é o desejo do Outro como sair do assujeitamento do Outro? Lacan (2005) nos diz que é pela via do desejo, é através do objeto que causa o desejo que o sujeito chegará ao andar de cima do grafo. *Che vuoi?* É a pergunta que retorna do Outro.

A impossibilidade de se satisfazer sendo o falo do Outro abre a perspectiva de que o Outro é castrado. A resposta que o sujeito obtém ao *Che vuoi?* é que ao Outro falta um significante, se deparando, assim, com o desejo do Outro. A primeira resposta seria, assim, o $S(A)$, castração do Outro como desejante e que se traduziria como nada. O Outro não quer nada de mim. Ou seja, não é nada de mim do que o Outro é faltante (Rabinovich, 2005). Nesse momento o sujeito fica sem recursos, no desamparo, de cara com a angústia, conforme ressaltamos anteriormente. Só resta ao sujeito buscar formas dela esquivar-se, evitando, assim, encontrar-se com a castração.

Como poderemos observar adiante, no grafo, a linha de onde parte o sujeito se inicia no canto inferior direito, e se sustenta, até o fim, pelo horizonte do ideal, passando pelo topo do grafo e retornando ao canto inferior esquerdo. No andar inferior do grafo do desejo, esse percurso passa pelo tesouro dos significantes, lugar do Outro, A, linha que segue até o momento da produção de significação $s(A)$, retornando para ser autenticado em A. Essa linha representa a cadeia do enunciado, montando-se a partir da significação que o Outro vem determinar para o sujeito, como efeito de retroação.

Articulado a esse andar, segundo Costa-Moura e Costa-Moura (2011), vemos a constituição do eu – moi⁶ -, em sua dimensão especular, imaginária – i(a), eu ideal e também simbólica, relacionada ao ideal do Outro – I(A) -, na perspectiva do ideal do eu. O moi (representado no grafo do desejo por m) é aquele que é o seu outro (representado no grafo por i(a), imagem do outro), com o qual a criança se identifica. Essa articulação é figurada no grafo pelo vetor $i(a) \rightarrow m$, que vai da imagem especular até a constituição do eu. A identificação da criança com a imagem do outro possibilita a constituição do eu e a colocação deste na posição de objeto satisfatório para a mãe, o eu ideal. Já o encontro do sujeito com a lei do pai possibilita a identificação significativa, que resulta no surgimento do ideal do eu, I(A), tal como está representado no grafo pelo circuito $\$ \rightarrow i(a) \rightarrow m \rightarrow I(A)$. Há, então, uma identificação não mais à imagem, mas ao significativo, que vem traçar o Ideal que se apresenta ao eu, designando o que o sujeito prospecta para si, ângulo pelo qual ele almeja ser visto pelo Outro.

O andar superior, seguem dizendo Costa-Moura e Costa-Moura (2011), corresponde à cadeia da enunciação, do sujeito do inconsciente, e só vem se inscrever enquanto tal quando o Outro materno remete a demanda que se articulava no patamar inferior a um tribunal superior. Essa é a operação que articula a metáfora paterna, que desdobra uma outra passagem, a partir de uma falta que se inscreve marcando que o circuito da demanda não se fecha plenamente, uma ausência se presentifica, e interroga: afinal, se a criança não dá conta de tudo o que a mãe quer, o que deseja o Outro? Ou seja, diante da castração do Outro materno, o sujeito é desalojado da posição de objeto do seu desejo, o que lhe permite voltar para o Outro a pergunta: “Que quer dizer tudo isso?” (Lacan, 1999, p. 103), interrogando-o a propósito do não-sentido.

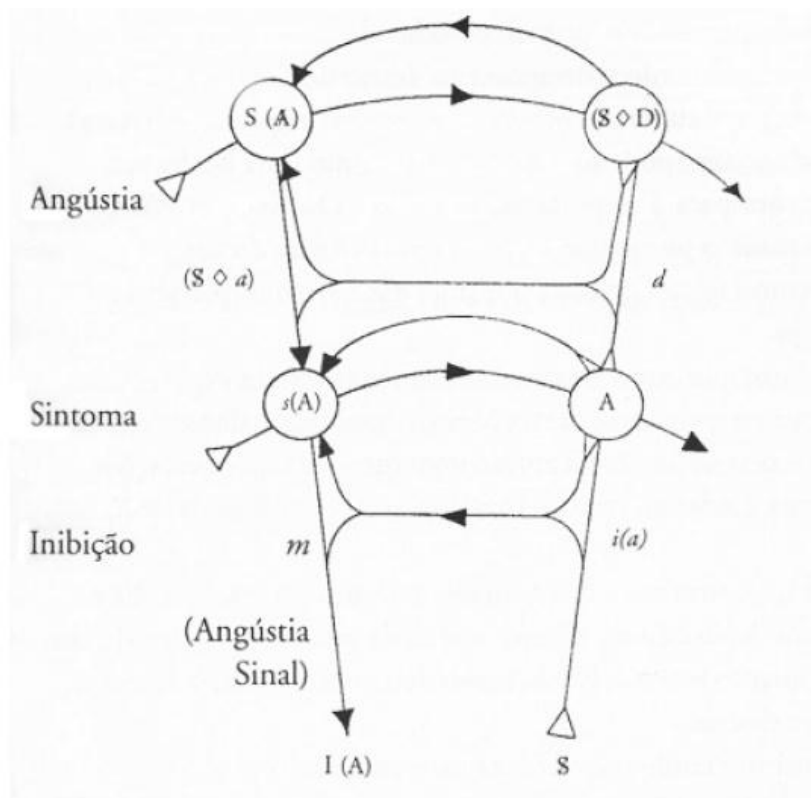
⁶ Moi é uma expressão em francês utilizada por Lacan para designar o eu consciente, constituído a partir da imagem especular, ou imagem do outro – i(a).

De acordo com Sirelli (2010), há uma demanda, um apelo ao Outro, que este dê ao sujeito aquilo que supostamente lhe falta, a começar por uma resposta acerca do seu desejo. Desse encontro traumático com o Outro, surge uma questão: *Che Vuoi?* Que queres? Na tentativa de responder ao enigma do desejo do Outro e, logo, do seu, o sujeito constrói uma fantasia, indicada pelo matema $\$ \diamond a$. Diante da interrogação erigida pelo sujeito, o Outro responde com um vazio: ele não tem a resposta. Logo, o Outro também é faltoso. A falta no Outro, indicada pela barra que recai sobre ele, \overline{A} , possibilita que o sujeito possa se constituir, lançando uma questão a partir desse encontro faltoso, indicada no grafo pela interrogação que se abre diante do encontro do sujeito com o Outro, (A) e do posterior advento do desejo (d). Este se manifesta como desejo de saber o que o Outro quer de mim, resultando na construção de uma rede de significantes que contornam o objeto – ou melhor, o vazio deixado pela queda desse objeto.

A autora segue dizendo que desse modo, a barra que recai sobre o Outro, \overline{A} , recai também sobre o sujeito, $\overline{\$}$. É interessante pontuar que, no grafo, logo depois do S(A), encontramos o matema da fantasia, $\$ \diamond a$, o que esclarece que a função dela é servir de anteparo para ocultar a inconsistência do Outro, fazendo surgir $s(A)$ como efeito de significação, produzida pelo texto da fantasia, e formando um contexto por meio do qual percebemos o mundo como consistente e dotado de sentido.

Diana Rabinovich (2005), a partir do ensino de Lacan no Seminário 10, resgata a relação fundamental entre a angústia e o desejo do Outro, tendo como ferramenta principal o grafo do desejo. Aí, ela enumera as possíveis respostas ao *Che vuoi?*, ressaltando que “o grafo tem a vantagem de estar articulado em função do desejo do Outro e, portanto, em torno do *Che vuoi?*, a pergunta acerca do que me deseja o Outro, que permite separar nele as perguntas e as respostas” (Rabinovich, 2005, p. 73). De

acordo com a autora a resposta à pergunta “o que o Outro quer de mim?” é o significante do Outro barrado, $S(A)$ resposta insuportável que introduz a castração do Outro enquanto desejante. As demais respostas, abaixo do $S(A)$, constituem-se em artifícios que buscam obturar, de modos diferentes, essa castração. Essas respostas, conforme podemos visualizar na figura a seguir, são: o significante do ideal do eu, $I(A)$, em relação ao qual se organiza a demanda de amor; o eu, $i(a)$; a significação do Outro, $s(A)$ e a fantasia, $\$ \diamond a$. Há, na tentativa de encobrir a falta, um movimento que tampona e denuncia ao mesmo tempo, já que todas as respostas mancam, surgindo, assim, a angústia, o sintoma e a inibição.



Grafo do desejo apresentado por Rabinovich, 2005, p.73.

Cada resposta corresponde a um momento entre a inibição, o sintoma e a angústia, estando esta última mais próxima da castração do Outro. Conforme explica Rabinovich, à esquerda do grafo podemos verificar as possíveis respostas ao *Che vuoi?*, que dariam um suporte diante dessa questão. A fantasia seria o último anteparo frente à angústia que se situa no lugar do significante da falta do Outro, lugar da castração, por excelência. De forma homóloga, o eu também é uma resposta frente ao desejo do Outro, embora construída no primado do imaginário.

A autora aponta, no grafo, os pontos nos quais se poderia situar a inibição, o sintoma e a angústia, as três formas de não querer saber acerca do desejo do Outro, ou seja, de não saber acerca do desejo do sujeito enquanto este é definido como desejo do Outro, como desejo de ser causa desse desejo. E segue dizendo, ainda, que a angústia se situa na parte superior do grafo do desejo, é ela quem está mais próxima da resposta referente à castração. O sintoma estaria na linha que indica o andar inferior do grafo, articulado à questão da significação. Mais abaixo, ainda, localizamos a inibição. Ressaltamos que cada uma dessas três possibilidades de arranjo seria decorrente e estaria articulada aos diferentes elementos que estão em jogo em cada uma dessas partes do grafo.

A seguir apresentaremos cada resposta separadamente. Entretanto é importante salientarmos que cada uma das possibilidades de arranjo estaria articulada aos diferentes elementos que estão em jogo em cada parte do grafo. Cada posição está relacionada com a outra, que faz parte de um todo que é dinâmico no discurso do sujeito.

3.1– O ideal do EU, I(A)

Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, (...) e vocês terão o traço unário, que por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do Eu.

Lacan, 1998.

A notação I(A), ideal do eu, evidencia que se trata de um ideal do Eu relativo a um significante advindo do Outro. De acordo com Novaes (2005), a identificação ao traço unário é uma operação que consiste em uma negativização, já que se trata da marca de uma falta; de sua inscrição. É justamente aí que vem se inscrever o ideal do eu: ocupando o lugar da falta e organizando-a, dando-lhe consistência. O ideal do eu é entendido por Lacan (1999) como um significante isolado do Outro, grafado como I(A); significante ao qual o sujeito se identifica, e que traz em si a idéia de uma identidade paradoxal e alienante, por ser do Outro. É, portanto, um significante que não faz cadeia com outros significantes, o que faz dele não um significante qualquer, mas uma insígnia (Lacan, 1995, p. 306). A insígnia, portanto, vem ocupar o lugar da marca que chamamos de traço unário, de forma a não poder haver sujeito antes dessa identificação primária.

Segundo Sangfredo (2007), a escrita “I” pode ser lida tanto como Ideal, quanto como o número romano que escreve o Um, referindo que um traço significante tomado do Outro (A) passará a sustentar as identificações do sujeito. Deste modo, o Eu se sustenta de um ideal absoluto do Outro, o que significa que o Outro foi investido de onipotência e de poder. O autor segue dizendo que podemos verificar no grafo que a seta que parte do \$ e se dirige ao m faz dois percursos possíveis. Ou petrifica-se em I(A), o que afirma que o Eu se sustenta de um ideal absoluto do Outro, ou vai até s(A), onde recebe do Outro, de A, sua mensagem e retorna em circuito ao m, de forma

reiteirada, infinitizada. É o Eu cambiante, sempre à mercê de uma imagem que lhe é dada pelos significantes vindo do Outro, num submetimento infinito ao que o Outro demanda. A esse circuito Lacan denomina “círculo infernal da demanda”.

Para Miller (1998), trata-se de algo que presentifica a onipotência do Outro, de uma resposta que, proveniente deste último, fixa o sujeito, fazendo com que este encontre aí uma identidade. Neste sentido, Iglesias (1996) nos lembra que a fórmula $I(A)$, ideal do eu, demonstra que um significante do Outro foi tomado como insígnia e, dessa forma, o Outro foi revestido de onipotência. Isto, certamente, constitui-se numa forma de tamponamento à resposta insuportável da castração. Esse é um momento necessário na constituição do sujeito, mas deve ser ultrapassado. Do contrário, dá-se sua petrificação no Um do Outro. Permanecer em $I(A)$, identificado ao significante da onipotência do Outro, afasta o sujeito da angústia de castração, mas o condena à morte enquanto sujeito.

3.2 – A fixação à imagem especular, $i(a)$

(...) quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo que ele faz nesse caminho para se aproximar disso dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular.

Lacan, 2005

Prender-se à imagem especular constitui-se como outra resposta possível do sujeito na tentativa de furtar-se à resposta angustiante de que ao outro falta um significante. A fórmula $i(a)$ é a imagem do outro, o semelhante, que o sujeito captura e

se fixa, tomando esta imagem como se fosse a si mesmo. Corresponde aquele momento, trabalhado no capítulo anterior, do estágio do espelho; no qual o sujeito, a partir do olhar do Outro, obtém sua imagem como totalidade e fica, ali, capturado, fascinado pelo ideal de completude.

O eu ideal é a imagem à qual o sujeito se identifica, sendo através desta identificação, ao mesmo tempo, que o eu se constitui como imagem unificada. Porém, este processo não ocorre sem a regulação do ideal do eu, que Lacan concebeu como um significante privilegiado do qual depende toda relação especular no homem. Nas palavras do autor: “a regulação do imaginário depende de algo que está situado de modo transcendente [...], o transcendente no caso não sendo aqui nada mais que a ligação simbólica entre os seres humanos” (Lacan, 1999, p. 164). Assim, a relação simbólica define a posição do sujeito como aquele que vê, sendo, portanto, a palavra, a função simbólica, que delimita o maior ou menor grau de perfeição, de completude e/ou de aproximação do imaginário, o que pode ser entendido a partir da articulação entre o eu ideal e o ideal do eu: “O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária” (Lacan, 1999, p. 165).

Conforme Novaes (2005), o eu ideal é a imagem da qual o sujeito vai se servir para constituir tanto sua imagem corporal quanto a realidade, já que essa imagem será o paradigma de todas as formas de semelhança que vai aplicar aos objetos. Valendo-se das formulações de Lacan a respeito do tema no Seminário 8, *A transferência* (1960) e do escrito *Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache* (1966b/1998), Barros (1997) trabalhou as noções de Ideal do Eu - I(A), e eu ideal - i(a). Refere-se ao escrito como sendo o último texto em que Lacan concebe eu ideal e ideal do eu, respectivamente, como aspiração (o que se pretende ser; ser um eu que nunca sou completamente, mas que me

define. Eu aspiro ser a imagem do semelhante que me oferece a experiência especular; configuração egóica correspondente à maneira pela qual o sujeito quer ser reconhecido) e modelo (matriz simbólica para essa pretensão; um ponto de referência; o Outro, de onde me posso ver como capaz de ser amado; lugar simbólico de onde o sujeito adquire sua consistência imaginária).

Assim, na fixação ao I(A), é do Outro que o sujeito retira um significante e nele se fixa. Ao não mais conseguir sustentar-se no Um do Outro, o sujeito cai prisioneiro da imagem do Outro. O sujeito se fixa a uma imagem para ocultar sua duplicidade, ocultar o fato de que sua existência não lhe é imanente, ou seja, de que o sujeito não é causa de si mesmo, sua existência não depende de si. O transcendente é o eu ideal, $i(a)$, imagem do outro. A imagem encobre o que há de doloroso, encobre o fato de que o Outro carece de um significante que responda sobre o ser do sujeito. Assim, permanecer em $i(a)$, no eu, é ocultar o fato de que o sujeito é determinado e não determinante. É não querer saber sobre sua causa e, como consequência, o sujeito vai estar, a todo momento, procurando o mesmo; é se sustentar sempre como imanente.

O piso em que, no grafo do desejo, Lacan situa o $i(a)$, a imagem narcísica cuja constituição depende de que o Outro nos dê a sua falta, a sua castração, é também onde se enoda a inibição. Neste mesmo lugar onde se situa a inibição, onde passa o circuito da demanda, próximo aos ideais, localizam-se também as outras patologias do movimento, o *acting out* e a passagem ao ato. Aqui, podemos situar a posição do sujeito que interroga nossa pesquisa, o qual é atravessado por essas questões: a vida escolar podendo ser interpretada como inibida em sua finalidade e os *actings-out*, nas agressões ao corpo, como saída presente na sua dinâmica. No próximo capítulo trataremos uma explanação acerca da inibição mesclada com considerações advindas das interrogações que o caso clínico nos suscitou.

3.3 – A significação do Outro s(A):

... Destaca-se o modo próprio de trabalho com o sintoma proposto pela psicanálise de orientação lacaniana: uma nomeação singular que em lugar de sobrepor-se ao inominável que habita cada um de nós, dá-lhe, ao modo de uma ficção especial, contorno e localização, o que afasta a angústia e abre novos horizontes de possibilidades em uma existência.

Vieira, 2008

O sintoma é outra das possíveis saídas, encontradas pelo sujeito na tentativa de velar a castração do Outro. O s(A), significado do Outro, efeito de significação, é o lugar do sintoma, o que sugere que este é um significado dado ao sujeito pelo Outro, sobre sua existência. Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1998) situa o sintoma no nível do enunciado do grafo do desejo, lugar do desconhecimento, da alienação. O lugar privilegiado do sintoma é a significação que o sujeito dá ao Outro, como podemos ver no grafo, a s(A) chega uma flecha que vem do Outro (A): s(A) <----- A. Isto quer dizer que é sempre do Outro que o sujeito recebe a significação de sua própria mensagem. À questão do sujeito sobre sua existência, o que sou? O Outro responde com sua significação, a qual se dá, como veremos no próximo item, com a interferência da fantasia.

De acordo com Gonçalves (2006), podemos observar no grafo que o vetor do desejo, $\$ \langle \rangle a \langle \text{-----} d$, ao incidir sobre o fantasma, bifurca-se. Uma das setas orienta-se para o lugar do s(A), ao qual convergem a imagem especular (m) e o campo do Outro, ponto de cruzamento que é o lugar do sintoma como metáfora. A outra seta sai do

fantasma e vai ao S(A), ponto de falta na estrutura, implicando a omissão de um termo, demarcando o lugar da insuficiência e do vazio que sustenta a própria estrutura.

A autora, em seguida, nos fala que podemos dizer que o sintoma, tal como Lacan (1998) o apresenta em “Subversão do sujeito”, é feito desses dois elementos: significação e fantasia. Em outras palavras, é uma articulação entre um efeito significante e a relação do sujeito com o gozo.

Lacan vai nos dizer que o sintoma é aquilo que é analisável (Lacan, 1999). O sintoma é o que se encontra na porta de entrada de uma análise e vai passando por metamorfoses à medida que a análise vai prosseguindo. Rodrigues (2007) acentua que é a angústia que nos sinaliza em uma análise o campo em que se deve operar. O surgimento da angústia demonstra a impossibilidade do sintoma fazer uma completa contenção do real, uma vez que ele é construído para dar conta da angústia com relação ao desejo do Outro, mais precisamente sua falta, S(A), evocada pela pergunta *Che vuoi?*.

O sintoma surge onde a metáfora paterna ⁷deixou uma falha. Ele tem uma função estruturante, pois, conforme ressalta Rabinovich (2005), é sempre como suplência a um fracasso da metáfora paterna que a formação sintomática se constrói. Se o sintoma tem a estrutura da metáfora, ele só poderá comparecer após a instalação da metáfora paterna. E esta só pode se dá a partir da castração materna. Na metáfora um significante é substituído por outro. Assim, o sintoma como metáfora aponta para outro sentido, é um significante em relação a outro significante, estando, portanto, no registro do simbólico.

Lacan, com o avanço de sua clínica, vai reformulando suas orientações teóricas em direção ao Real como o que resiste a qualquer significação. Nesta direção, segundo

⁷ A metáfora paterna diz respeito ao Nome-do-pai. A teoria do Complexo de Édipo, criada por Freud, foi interpretada por Lacan sob a perspectiva da função ou metáfora paterna, cujo representante é o Nome-do-Pai. Para Lacan, o Nome-do-Pai é um significante que funcionaria como uma experiência metafórica, ou seja, a “metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (Lacan, 1998, p. 563).

Maia, Medeiros e Fontes (2012), ele se refere ao sintoma como sentido na tentativa de tamponamento da falta fundamental, do fora de sentido, que a língua e o significado não conseguem recobrir. O sintoma seria resultado de uma estrutura marcada por uma falta, representando a verdade que aponta para essa falta. A falta estrutural do Outro da linguagem precisa ser tratada pelo sujeito que, para isso, faz uso do sintoma, o qual traz consigo um sofrimento, mas também uma satisfação. Daí, ser tão difícil para o sujeito abrir mão dele, já que ele manifesta, ainda que de modo invertido, a sua via de contentamento e sustentação. Esse núcleo duro, intocável pelo sentido, é o que Lacan estabelece nesse segundo momento de sua clínica (1964-1974) como o gozo do sintoma.

Para Pereira (2010), o conceito de gozo, formalizado por Lacan, abrange a ideia de excesso, daquilo que está para além do princípio do prazer, associado à pulsão de morte, que foi atribuída por Lacan como uma pulsação de gozo, que insiste na repetição da cadeia significante Inconsciente. No *Seminário 11*, Lacan (1998) aponta a ideia de inconsciente estruturado como linguagem, a partir de uma rede de significantes, na qual “um significante é o que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1998, p. 197). O sujeito aparece no intervalo entre esses significantes, na falha do discurso. Assim, o sintoma representa o sujeito. A noção de sintoma como gozo, para Lacan, é concebida como forma de satisfação. De uma forma paradoxal, o gozo é sentido como um sofrimento intolerável. Seu local por excelência é o corpo, o inconsciente goza no corpo. Um excesso que transborda, mas que nem sempre é patológico. Nesse sentido, é importante ressaltar que o gozo circula em um lugar fixo e retorna sempre ao mesmo lugar.

3.4- A fantasia - $\$ \langle \rangle a$

A fantasia é feita de uma estrutura básica com muito poucas variações, mas a partir dela estabelecem-se infinitas maneiras singulares de articular sujeito e objeto. Ela é o cerne daquilo que chamamos eu, indivíduo, pois estipula o modo como, para cada um e de maneira singular, esse excesso vai se incorporar aos objetos do mundo e, a partir daí, produzir prazer e, apenas ocasionalmente, horror.

Vieira, 2002

A fantasia é o último amparo frente à resposta angustiante do desejo do Outro, e se situa no lugar do significante da falta do Outro, lugar da castração. Sangfredro (2007) observa que a fantasia se constitui na saída encontrada pelo sujeito a partir da operação de divisão. Aponta para a relação do sujeito dividido ($\$$) com o objeto de desejo (a). Para não ter que se haver com a divisão do Outro, $S(A)$, que faz a indicação para a sua própria divisão, o sujeito busca identificar-se, pela via da fantasia, ao objeto que julga completar o Outro.

Lins e Rudge (2012) destacam que a fantasia é uma resposta que encobre a pergunta sobre o desejo do Outro, tamponando a falta do Outro, ao mesmo tempo em que estabiliza o sujeito. Esse efeito de estabilização se dá pela razão de que o objeto a funciona na fantasia sob a forma de objeto do desejo, encobrindo a sua essência de objeto-causa do desejo, objeto vazio e sem imagem. O objeto a é, então, enquadrado pela fantasia, que permite que o desejo do Outro seja sentido de uma forma suportável para o sujeito; “[...] digo que esse desejo é desejo na medida em que sua imagem-suporte é equivalente ao desejo do Outro” (LACAN, 2005, p. 34).

De acordo com Chediak (2007), na fórmula da fantasia o a tem duas vertentes. A primeira, que vai até o Seminário 10 (Lacan, 2005), é de a ser o objeto do desejo. Nesta direção, Stenzel (2011) nos traz a observação de que no algoritmo da fantasia, $\$ \langle \rangle a$, o

objeto, (a), tem a função de objeto de desejo, que resgata o sujeito de seu desvanecimento no remetimento próprio da cadeia significativa, de seu fading: dá uma ancoragem, detém a metonímia da cadeia. Assim, sustenta o Outro, estabiliza, fissa-o no instante da fantasia e tampona sua falta. Protege o sujeito frente à castração do Outro, que implica o desejo e assim a realidade fica encoberta.

Na segunda vertente, o objeto da fantasia é o objeto real, causa do desejo, que está irremediavelmente perdido. Neste quadro da fantasia a falta é mascarada. É nesse caminho que Viola e Vorcaro (2011) afirmam que a fantasia é a cena que assegura ao sujeito uma relação mediada com seu desejo por uma ficção, e por isso, caracteriza-se por sua função de mostrar o objeto de forma velada. Aqui, a falta é preservada, comparece, mas de forma maquiada. Daí, ao mesmo tempo em que encobre, também revela o desejo do Outro. Para resgatar o sujeito da falta que é seu desejo, a fórmula da fantasia inverte o valor do objeto, transformando-o em condição enquanto sua função é ser causa.

No grafo do desejo, a fantasia aponta para duas direções (Chediak, 2007). Em uma delas o vetor está voltado para o sintoma, $s(A)$ e o eu (m). Na outra, aponta para o desejo do Outro, $S(A)$. Podemos concluir que a fantasia tanto pode ocultar, como também, revelar o ponto angustiante. O objetivo de uma análise se situa na direção que aponta para cima, para o desejo do Outro. Pois é neste caminho que a angústia se situa, entre a fantasia e o desejo do Outro. Permanecer com a fantasia enquanto resposta ao *Che vuoi?* É não querer saber sobre sua causa.

Conforme colocamos anteriormente, a inibição se constituiu como a via encontrada por Melina para se defender da angústia. Baseados nisso, focaremos, no capítulo seguinte, a inibição. Primeiro, trazendo o conceito na obra freudiana, e, logo depois, o conceito será trabalhado sob a ótica lacaniana.

CAPÍTULO 4 – A INIBIÇÃO PARA A PSICANÁLISE

De acordo com o percurso teórico dos capítulos anteriores, tomando por base o grafo do desejo, podemos situar a posição de Melina, enquanto sujeito, como se encontrando predominantemente em i(a), lugar da inibição. É deste modo que ela nos chega: inibida na sua função intelectual e na sua sociabilidade. É a inibição quem está servindo de anteparo ao que a angústia denuncia. E o que é a inibição para a psicanálise? É disso que trataremos a seguir. E como, com o decorrer do tratamento, a angústia pode ser colocada em palavras e possibilitar a emergência do desejo de Melina.

4.1- A inibição em Freud

O termo inibição aparece na obra freudiana desde as primeiras hipóteses sobre o funcionamento do aparelho psíquico. Seu uso pela psicanálise nomeia um mecanismo de parada ou bloqueio que interrompe o funcionamento normal no terreno do pensamento, e traz a particularidade da introdução de um aspecto ativo intervindo no processo de inibição. O próprio sujeito que sofre as consequências de uma inibição é ele mesmo agente da ação inibidora.

É na correspondência de Freud com Wilhelm Fliess, no *Rascunho A*, em 1892, que encontramos, conforme Lima e Lima (2010), pela primeira vez, a articulação da inibição com a angústia. Nele, a angústia aparece como efeito da inibição sexual, ou seja, como derivada da excitação sexual somática. “A ansiedade das neuroses de angústia se deriva da inibição da função sexual ou da ansiedade ligada à etiologia dessas neuroses? [...] A neurose de angústia é, em parte, consequência da inibição da função sexual” (Freud, 1892/1977, p. 245-246). Daí até os anos 20, a função da inibição é

apresentada dentro de uma concepção econômica. Neste momento de sua obra, Freud preocupa-se com as quantidades de energia no interior do aparelho psíquico e, neste contexto, o termo inibição é empregado como um modo de defesa contra certas ideias fortemente investidas pela libido sexual, e sua principal finalidade é controlar e dominar qualquer excedente da sexualidade, cuja presença põe em risco certa constância do aparelho psíquico.

De acordo com Lima e Lima (2011), em 1895, Freud traz duas funções distintas para a inibição. Orientar a pulsão sexual no sentido de buscar satisfação através de um objeto da realidade, independente de qualquer registro alucinatorio, e regular os excessos da excitação sexual. Essas duas funções visam ao limiar da atividade pulsional tendo em vista evitar o desprazer (Freud, 1895/1977, p. 429).

A inibição é descrita como um processo inerente ao funcionamento psíquico e como condição de possibilidade do pensamento. Para explicar a ação da inibição como defesa, Freud (1926/1976) se utiliza da expressão “inibição do pensamento” (p. 315). A libido sexual encontra-se, geralmente, associada a uma ideia ou representação e a inibição consiste em reprimir a representação insuportável, a qual a libido sexual encontra-se associada, interrompendo a cadeia associativa de pensamentos a ela relacionada.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1976), Freud assinala como o desenvolvimento cognitivo e as atividades intelectuais se desenvolvem a partir da sexualidade, destacando a questão da inibição intelectual e a importância das forças inibidoras no processo de sublimação. Neste momento a inibição não é mais concebida como um processo que se desencadeia a partir do excesso pulsional, mas como uma força psíquica, um dique, uma barreira que fez obstáculo à pulsão sexual. “É durante este período de latência, total ou apenas parcial, que se constroem as forças psíquicas

que irão, mais tarde, impedir o curso do instinto sexual e, como barreiras, restringir seu fluxo [...]” (p.181). Estas forças psíquicas inibitórias da pulsão sexual aparecem no período de latência, compreendido, de acordo com o autor, entre o sexto ano de vida e a puberdade, quando as vivências sexuais infantis sucumbem ao recalque. Entretanto, o fluxo das moções pulsionais infantis não cessa completamente na latência. De vez em quando, um fragmento da sexualidade infantil ressurgir podendo suscitar sensações de desprazer.

As forças inibidoras adquiridas no período de latência vem consolidar o processo de inibição da pulsão quanto ao seu objetivo trabalhando a favor da sublimação; agindo, também, na contenção da pulsão sexual que escapa ao processo de sublimação através das formações reativas. Essa função da inibição intelectual auxilia no processo de dessexualização do pensamento tornando a criança educável, o que possibilita o seu ingresso nas atividades sociais e promove seu desenvolvimento cognitivo. Nesse momento, a inibição tem a função de renúncia à satisfação através da reorientação da finalidade da pulsão sexual. Tal fato aponta para o valor da inibição para a atividade intelectual a partir da sexualização da pulsão.

Em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, (1908/1976), Freud considera que as atividades intelectuais encontram-se relacionadas à vida sexual infantil, sobretudo às pesquisas sexuais e às teorias que as crianças constroem a respeito da sexualidade. Ele vai denominar de “pulsão de saber” essa moção pulsional que surge muito cedo na vida da criança, geralmente por volta de três a cinco anos de idade. O progresso da trajetória da investigação sexual da criança tende a ser inibido por uma ignorância sobre a castração e por falsas teorias que a constituição de sua própria sexualidade lhe impõe: “[...] seu progresso é inibido pela ignorância que não pode ser confirmada e pelas falsas teorias que lhe são impostas por sua própria sexualidade” (p. 218). Assim, toda relação

posterior do sujeito com qualquer forma de conhecimento ou saber intelectual está relacionada com a investigação sexual desse período da infância. O insucesso do esforço do pensamento para atingir o objetivo dessa investigação torna-se o protótipo de todo trabalho intelectual posterior.

Esse aspecto é explorado por Freud em seu texto *Leonardo da Vinci: uma recordação de infância* (1910/1970). “Quando o período de pesquisa sexual infantil chega a um final após um período de enérgica repressão sexual, o impulso de pesquisa terá três possíveis vicissitudes, resultantes da sua relação primitiva com interesses sexuais” (p. 73). Os três possíveis destinos para a atividade intelectual ou pulsão de saber apontados pelo autor são: a inibição do pensamento, a compulsão neurótica a pensar (sintoma neurótico) e a sublimação. Dos três é a sublimação o destino mais favorável à atividade intelectual e o mais importante para a cultura. Freud explica esse destino pulsional afirmando que a libido não sofre recalque, ela é sublimada em avidez de saber, que a reforça. Em consequência, o pensamento pode agir em um espaço dessexualizado a serviço dos interesses sexuais (cf. Lima e Martins, 2011).

Embora a inibição e o recalque se constituam como processos defensivos, Freud atribui ao recalque um estatuto particular, pontuam Lima e Martins (2011). Enquanto na inibição a atividade do pensamento é interrompida sem formação substitutiva, no recalque a cadeia associativa prossegue, ainda que reorientada, e o sintoma aparece como solução de compromisso possibilitando uma via de satisfação pulsional.

Em *Inibições, Sintomas e Angústia* (1926), Freud vai apresentar a sua última conclusão clínica acerca da inibição. A inibição é retomada ressaltando-se sua vinculação com o sintoma (Santiago, 2005). Inicialmente, ele traz a questão da inibição e do sintoma mostrando que os dois conceitos não se encontram no mesmo plano, sendo processos distintos. A inibição é definida como uma limitação funcional do eu ou como

uma simples diminuição da sua função, não tendo necessariamente uma dimensão patológica. “Algumas inibições obviamente representam o abandono de uma função porque sua prática produziria angústia” (Freud, 1926/1976, p. 108). Ocorre, então, uma parada do movimento, há aqui, a indicação de se evitar o sofrimento.

Ela expressa uma limitação funcional do eu ao nível dos fenômenos, ocorrendo em funções diferentes, sustentada por uma renúncia a uma função, ou seja, uma ação que não se realiza servindo como defesa a um conflito ou como efeito de um trabalho psíquico que limita a energia disponível, no caso das inibições generalizadas (Garcia, 1998), que caracteriza os estados depressivos. Tal limitação expressa a impossibilidade de harmonizar as três instâncias: eu, supereu e isso ou expressa o limite energético do aparelho psíquico. Diferentemente, o sintoma manifesta a presença de algum processo patológico nessas mesmas funções. O sintoma pode ou não estar ligado a uma inibição e geralmente é o substituto de uma satisfação pulsional não ocorrida, manifestando o retorno do recalcado. Nota-se, portanto, um certo trabalho psíquico no sintoma que na inibição está paralisado.

De acordo com a segunda teoria, a angústia é o signo disparador que põe em ação o recalque contra o impulso da pulsão, cuja resultante é o sintoma. O sintoma não é mais uma formação de compromisso entre impulso e recalque, que responde secundariamente à presença da angústia, e sim uma elaboração primária, uma solução primária ao problema da satisfação pulsional.

No processo inibitório, o eu não entra em luta com as demais instâncias, como acontece na formação de sintomas, pelo contrário, evita o conflito com o isso e o supereu, havendo, desde o início, um eu enfraquecido, já que há uma verdadeira renúncia à função do eu. O autor conclui que a inibição é uma medida de precaução, inerente ao eu, e não se confunde com o sintoma. Tal fato não impede que certas

inibições possam ser consideradas como sintomas, como nos casos de fobias ou em determinadas inibições intelectuais que articulam a inibição a um modo de satisfação pulsional específico que caracteriza a estrutura do sintoma. Nesses casos, Freud fala de inibições neuróticas que surgem como defesa diante da erotização da função, limitando-a. (Santiago, 2005; Lima & Martins, 2011; Henckel & Berlinck, 2003)

Segundo Henckel e Berlinck (2003), num sujeito não raro se encontram simultaneamente inibições e sintomas. Na retomada do *caso Hans*, Freud traz a incapacidade de Hans de sair às ruas como uma manifestação de inibição. Uma limitação que o eu se impõe para não despertar angústia. Na fobia, o reconhecimento do perigo de castração pelo sinal de angústia, dado pelo Eu, inibe por meio da instância prazer-desprazer, o processo de investimento ameaçador no Isso. A angústia de castração recebe um outro objeto e uma expressão distorcida, ou seja, ocorre uma formação substitutiva denominada sintoma. Ao mesmo tempo, é essa formação substitutiva que possibilita o controle sobre o perigo, quando permite evitar ou suspender o desenvolvimento da angústia, ou seja, acionando a inibição (Lima & Lima, 2011; Santiago, 2005).

Aqui, numa leitura freudiana, podemos situar Melina, que além da inibição intelectual, foi desenvolvendo a inibição de sair de casa para ir às aulas. Isso a fazia faltar às aulas frequentemente. E, quando conseguia se deslocar até à universidade, por temer a situação “ameaçadora”, na qual tinha se transformado a sala de aula, fazia xixi na roupa, ficando toda molhada, o que a constrangia diante dos colegas e, algumas vezes, a fazia retornar para casa. Entendemos, aqui, que a inibição (dificuldade de sair de casa, portanto impedindo a realização da função locomotora) associada ao sintoma (enurese) funcionava como uma forma de evitar ou suspender a angústia.

Voltando a Hans, Freud nos diz que “pequeno Hans, portanto, impôs uma restrição ao seu ego. Ele produziu a inibição de sair de casa, de modo a não encontrar qualquer cavalo” (Freud, 1926/1976, p.149). Diante de um Eu capaz de subtrair-se da angústia, Freud vai considerar esse fato como um sintoma de inibição. Eis a inibição como sintoma, quando sua manifestação ocorre como na formação do sintoma, resultando em uma defesa contra a situação de perigo.

Nas últimas considerações clínicas do autor sobre a angústia, a inibição permanece como possibilidade de barrar a emergência do perigo evidenciado pela angústia de castração. A inibição aparece como medida de precaução e anteparo ao que a angústia denuncia.

4. 2 – A inibição em Lacan

Pensarmos o conceito de inibição⁸ em Lacan nos reporta à teoria do ato. Lacan (2005) considera que toda ação do sujeito no mundo visa reencontrar o objeto primordial e é animada pela função do desejo. “[...] Falamos de ato quando uma ação tem o caráter de uma manifestação significativa na qual se inscreve o que poderíamos chamar de estado de desejo” (p. 345). Nessa perspectiva, a inibição configura-se como uma ação que contraria a função da qual se origina o ato.

⁸ Lacan trata da inibição retomando o artigo de Freud (1926), *Inibição, sintoma e angústia*, em momentos distintos em seu ensino; no Seminário *A angústia* nos anos 60 e em *RSI* nos anos 70. Neste estudo, nos limitaremos aos avanços promovidos por Lacan em seu Seminário *A Angústia*.

A partir da leitura lacaniana, Santiago (2005) afirma que o elemento fundamental para pensar todo o agir do sujeito é a noção de objeto causa de desejo, referida ao complexo de castração.

Conforme vimos no capítulo 2, já em 1960, o objeto *a*, objeto causa de desejo, é concebido como o que, fundamentalmente, organiza e regula a ação do sujeito no mundo. Podemos reconhecer nessa elaboração, pontua Santiago (2005), a definição freudiana da inibição, enquanto limitação funcional, porém vista sob o prisma do complexo de castração. Há, em Freud, uma ênfase no bloqueio da função, no funcionamento psíquico. Porém Lacan, ao invés de ressaltar a função bloqueada no plano de uma atividade qualquer, privilegia a função do desejo. Este, ao ter sua causa bloqueada, desencadeia uma série de efeitos sintomáticos, dentre os quais encontramos a inibição.

Ainda para Santiago (2005), o que recebe maior destaque no comentário de Lacan acerca da dimensão sintomática da inibição, opondo-se ao ato, é a concepção da inibição como intrínseca à própria estruturação da função de causa. “Quando se trata de definir o que é o ato, único correlato polar do lugar da angústia, só podemos fazê-lo situando-o ali onde ele está nesta matriz, no lugar da inibição. [...] O ato é uma ação na medida em que nele se manifesta o próprio desejo que seria feito para inibi-lo” (Lacan, 2005, p. 344-345). Este argumento de Lacan permite-nos entender que a inibição precede o ato e, nesse ponto, salienta-se a função estrutural da inibição, como fundadora da causa, da qual emana o desejo e, por conseguinte, toda ação do sujeito na realidade. “A função estrutural da inibição é exatamente a de fundar a ação na realidade. Essa ação, contudo, fica referida à imagem de satisfação já representada no psiquismo” (Santiago, 2005, p. 146). Assim, a lógica da realização do desejo pela via do ato contraria a tendência alucinatória do psiquismo, que desejaria inibir o ato e realizar-se

enquanto tal. O ato surge na contrapartida desse desejo de inibi-lo porque manifesta a irrealização do desejo, fazendo conhecer a lacuna.

No Seminário 10, segue dizendo Santiago (2005), Lacan desenvolve uma reflexão sobre a função da causa do desejo, situando-a como uma função ligada ao real de um movimento, real de uma ação, seja esta motora ou de outra ordem. “Assim é que a inibição está na dimensão do movimento no sentido mais amplo desse termo. [...] Existe movimento, pelo menos metaforicamente, em toda função, mesmo que não seja locomotora” (Lacan, 2005, p. 18). É nessa direção que Lacan, completando o quadro da angústia, ao final desse mesmo Seminário, coloca o desejo no mesmo nível da inibição e, logo em seguida, o desejo de não ver. Neste momento, ele nos traz que o desejo pode assumir a função de uma defesa. “O que é a inibição senão a introdução numa função [...] de um desejo diferente daquele que a função satisfaz naturalmente” (Lacan, 2005, p. 344). Portanto, a inibição oculta o desejo. Permanecendo nela, o sujeito sustenta o seu desejo de não ver o que está por trás dela: o seu próprio desejo. Assim, a inibição evita o *Che vuoi? O que queres?* pela via do imaginário, isto é, pelo registro do eu, limitando-lhe alguma de suas funções. Ela deixa o sujeito preso no eixo imaginário, $m - i(a)$; ficando ele ali detido. Como toda identificação da ordem do imaginário exclui a falta, agarrado a $i(a)$ o sujeito é excluído do lugar de desejo do Outro. Identificado ao objeto imaginário, não consegue escapar da inibição. Através da imagem não chegará ao desejo.

Se a inibição se inscreve no Eu, logo, se inscreve em $i(a)$, imagem que, conforme vimos no capítulo 2, emerge com júbilo, no campo do Um, o Um da perfeição, da completude, que hipnotiza o sujeito. Aqui, o objeto está obturado, não há abertura ao desejo do Outro. O sujeito está capturado, há detenção da função.

Lacan (2005), assim como Freud, estudando a inibição em suas relações com o sintoma e a angústia, coloca os três termos dispostos em função de dois eixos: o do movimento e o da dificuldade. O primeiro se define a partir da relação do movimento com a inibição, uma vez que, nesta, “é da paralisação do movimento que se trata” (p. 18), mesmo que metaforicamente. O segundo refere-se “à dimensão da dificuldade. A primeira fileira horizontal, que começa com a inibição e continua com o impedimento, leva à forma leve de angústia a que se chama embaraço” (p.20). Em relação a esse eixo, Besset (2000) comenta que ele se refere ao que faz eco, como sofrimento do sujeito, em cada um desses fenômenos.

Abaixo, o quadro proposto por Lacan no Seminário X:

	dificuldade →			
movimento	↓	Inibição	Impedimento	Embaraço
		Emoção	Sintoma	Passagem ao ato
		Efusão	Acting out	Angústia
		Quadro da angústia		

Nele, Lacan grafa os sucederes afetivos (inibição, sintoma e angústia) com os quais o sujeito se depara em sua aproximação ao desejo, de tal forma que os três termos não se instalam no mesmo patamar, não são homogêneos e, em vista disso, os escreve em três linhas desniveladas. Aos espaços resultantes dessa disposição, ele atribui outros afetos. Os termos escolhidos para tais espaços dizem algo, através de sua etimologia,

que vai além e que ultrapassa o fenômeno. Para Sartore (2006), Lacan centra-se nisso: a referência do que se passa no afeto que atinge ao sujeito está nas próprias palavras.

Lacan (2005) coloca a inibição em um ponto de menor movimento e de menor dificuldade, próximo ao ponto zero das coordenadas, dizendo que é o ponto onde o sujeito se encontra inteiramente à mercê do Outro. Na inibição, há algo do desejo que não se revela na cadeia significante e produz uma detenção. Se Lacan situa a inibição como uma paralisação da libido, a inibição seria a libido sem movimento. De um modo geral, as pessoas que são aprisionadas nesse estado sofrem uma diminuição nas suas aptidões locomotoras, destacando-se a impossibilidade, a imagem construída do eu começa a perder o controle da situação. O sujeito inibido é aquele que não consegue sair de um lugar, se lançar em um projeto (Sartore, 2006; Castilho, 2007; Macedo, 2008).

Na segunda coluna do quadro, Lacan (2005) busca a origem etimológica da palavra "impedimento", “que vem de *impedicare*, *apanhar na armadilha*” (p. 347), significando que a armadilha virá impedir não a função e o movimento, mas o sujeito propriamente dito: “[...] impede não a função, termo de referência, e não o movimento, que fica dificultado, mas justamente o sujeito” (p. 19). O sujeito está impedido porque está preso em uma armadilha, a cilada é a captura narcísica. Pois, aquilo que coloca o sujeito em “movimento” é justamente “a falta de alguma coisa na imagem”. Quando o sujeito se identifica com a imagem é porque recua diante da castração (simbólico), e cai na cilada imaginária (Castilho, 2007).

No eixo do movimento, descendo para o sintoma, Lacan (2005) propõe a emoção. Neste estado afetivo é possível pensar em um grau de imobilidade, em ineficácia do poderio da vontade. Ao chegar à perturbação, ele insiste que há uma distância respeitável entre ela e a emoção (*l'émotion et l'émoi*). Em *émoi* — perturbação — tem-se a queda de potência, enquanto na emoção temos a desordem, que, muitas vezes é

potencializadora da ação. “A efusão é a perturbação, o perturbar-se como tal, o perturbar-se mais profundo na dimensão do movimento” (Lacan, 2005, p. 22). Na perturb(ação) está-se diante de quem não sabe o que fazer; a possibilidade de atuação conveniente parece sequestrada (Sartore, 2006).

Quando o "movimento" é menor e a "dificuldade" é maior existe o embaraço, último termo para a terceira coluna, proveniente da palavra *imbaricare*, que faz alusão à barra. É isso que é vivido no embaraço, o sujeito investido da barra! O embaraço será, então, uma forma leve de angústia (Sartore, 2006).

Caravelli (2009) ressalta que a teoria lacaniana endossa as asserções freudianas sobre a inibição, porém irá ampliá-las do enfoque fenomenológico-descritivo privilegiado no historial das históricas freudianas, que realçava as inibições motoras: alterações da marcha, alterações de equilíbrio, paralisias, abasias, etc. Em vez disso, Lacan (2005) irá reconhecer nessas alterações os indicadores de um desejo não exercido pelo sujeito: onde há inibição, há desejo. Para ele, inibição será “[...] o lugar, em que, falando propriamente, o desejo se exerce” (p. 344).

Nesta direção, Harari (1997) afirma que compreender a inibição como um sintoma no museu será uma metáfora ligada à ideia do efeito residual que a constrição do eu precipita na história do sujeito, tratando-se de uma “afirmação que comporta um resto vivido” (p. 29). Resto cuja deposição cria um “muro”, um impedimento, que inibe a circulação do desejo por um circuito sem barreiras que, embora impeça o sujeito de avançar, dota de visibilidade o desejo represado.

Caravelli (2009), citando Nascentes (1964), lembra-nos que a palavra “inibir”, na psicanálise, resguardou etimologicamente o sentido primeiro do significante, um termo náutico advindo do latim: *inhibere*, “remar para trás” (p. 156). Figurativamente, a inibição resguarda uma similitude com a adesividade, criando no sujeito um

distanciamento, uma esquiva de demandar ao Outro, nada querer perguntar-lhe, numa pura evitação de que se forme aí um equívoco. Para evitar o Outro é que o sujeito da inibição “rema para trás”, ficando preso à sua tautologia árida, porém protegida e asséptica de desejo. Ainda segundo a autora, a questão maior, com frequência evidenciada pela clínica, é que, caso não supere ou subjetive a própria dificuldade, o inibido parte para o *acting-out*, para a mostração. Ou, ainda, as inibições podem bascular repentinamente para outro tipo de movimento radical, que será o da passagem ao ato.

É o que Lacan (2005) traz ao analisar o *Hamlet* de Shakespeare, que ele nomeia de tragédia do desejo, para marcar a difícil trajetória da personagem central no encontro com o desejo (Lopes, 1998; Caravelli, 2009; Santiago, 2005; Castilho, 2007). Hamlet, após o encontro com o espectro do pai, que lhe dá a missão de vingar seu assassinato, recobre-se de revolta contra seu tio Claudio, autor do crime, e parece decidido a por em ato aquilo que lhe foi incubido. Ele articula, pensa, elabora a vingança, mas não consegue praticar a ação. Nesta direção, Santiago (2005) nos fala que “o que mais chama a atenção nessa peça é que o espaço de tempo em que transcorre a inibição de Hamlet para agir é entrecortado por uma série de *actings-out*” (p. 150-151). O que o impede de agir? Ele não pode praticar o ato, porque o desejo falta. “A única coisa que ele não pode fazer é justamente o ato que foi feito para praticar, e isso por lhe faltar o desejo” (Lacan, 2005, p. 362). Nele, a ação está paralisada pelo pensamento, destacando-se sua impossibilidade de encontrar uma via e, uma vez dentro dela, permanecer até o fim.

Segundo Lopes (1998), Hamlet conseguirá desinibir-se quando seu desejo puder animar-se. O primeiro passo se dá ao identificar-se com Laerte. Mas identificar-se ao *a* de *i(a)*, com o objeto, em sua acomodação imaginária, não é suficiente. O duplo

especular não o tira da inibição, mas sim é a causa de sua agitação, um sinal de angústia. Se a identificação especular não o libera da inibição é, entretanto, a identificação a Ofélia, como objeto perdido, que o joga no ato. Somente diante da perda, e no luto por Ofélia, é que Hamlet poderá reconhecer seu amor e desejo por ela.

O transcorrer do drama mostra que o príncipe passa ao ato inúmeras vezes até que consiga seu objetivo inicial, a morte de seu tio Claudio, para morrer em seguida. Com essa tragédia shakesperiana, assistimos a uma das possíveis implicações da inibição, em uma forma severa. Na clínica da inibição, o sujeito encontra-se exposto à passagem ao ato pela possibilidade de báscula no duo inibição/impulsividade. Assim, a passagem ao ato pode estar presente quando da inibição basculada à impulsividade, através da patoplastia do ato procrastinado, fragmentado ou escamoteado, por exemplo, sob a forma de pequenos *actings*, tendo um objetivo auto ou hetero-agressivo (Caravelli, 2009).

Lembramos, aqui, de Melina, que quando acometida de grande angústia recorria à automutilação, através das escarificações, como uma maneira de amenizar seu sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao fim deste trabalho, podemos dizer que sua construção não se deu sem a presença da angústia. A elaboração de uma escrita se constitui não só da pesquisa de conhecimentos produzidos na temática escolhida, mas também do pensar. Ao referirmo-nos a um trabalho de determinado autor e suas articulações com produções de outros autores, pensamos sobre os mesmos até culminar com a produção de um novo saber. O produto final, frequentemente, nos surpreende, causando estranheza. Ao sermos convocados pelo desejo, causados e movidos, ficamos vulneráveis diante da elaboração de um trabalho desse tipo. A escrita de uma dissertação é um risco. Não sabemos qual será o seu produto. Isto nos provoca um certo mal estar, uma angústia. Esta angústia é, muitas vezes, ligada a uma inibição que a antecede. Muitas vezes, ficamos parados, diante do computador, à espera que se dê o ato de escrever. E, muitas vezes, não conseguimos efetivá-lo. Trata-se da imobilidade produzida por uma particular posição subjetiva em relação ao objeto, em seu vazio radical.

Escrever uma dissertação é um ato solitário, mesmo que o Outro, nosso primeiro destinatário, o orientador, esteja sempre à espera. À espera do que? Do *Che vuoi?* No entanto, o que nos faz produzir não é tanto o nosso destinatário, mas essa consistência de nada a que chamamos objeto *a*. Defrontar-se com o objeto *a* provoca um instante de desorganização, descompasso e estranheza que deixa o sujeito suspenso. Sua presença traz a possibilidade de mergulho no estado de não-ser. É a angústia que se faz presente, e na angústia perdemos o sentido das coisas.

No início deste trabalho nos perguntamos como a angústia e a inibição se articulavam. Após nosso percurso, encontramos, com Lacan, que tanto a angústia

quanto a inibição encontram-se relacionadas ao desejo. São diferentes maneiras de lidar com o desejo. Na inibição, o desejo encontra-se paralisado e, no caso da angústia, poderíamos dizer que ele é mantido, ainda que a duras penas, interrogando a posição do sujeito. De acordo com esse autor, para que o sujeito possa desejar é necessário recusar o gozo, passando o desejo a vigorar como lei. Deste modo, o desejo se situa como limite, como barreira interna ao gozo. Em Lacan, o objeto da angústia é o mesmo objeto do desejo, o objeto *a*. A angústia estaria ancorada no desejo do Outro: não podemos saber que objeto *a* somos em relação ao desejo do Outro. Só imaginariamente podemos supor nossa posição no desejo parental e aí construímos nossa fantasia.

O que há de angustiante no desejo do Outro não é só que eu não saiba que *a* eu sou para ele, mas que eu não saiba com o que do Outro me encontro nesse ponto. Se no momento do encontro com o “estranho” o sujeito se experimenta como puro objeto, privado de sua autonomia, sua identificação ao *i(a)*, imagem narcísica, é ameaçada. Vimos que no mesmo lugar em que Lacan situa no grafo do desejo o *i(a)*, a imagem narcísica cuja constituição depende de que o Outro nos dê a sua falta, a sua castração, é também o lugar onde localizamos a inibição.

Lacan define o desejo do homem como o desejo do Outro. O desejo definido como desejo do Outro é opaco. Provoca enigma. É o que ele articula através do *Che vuoi? Que queres? Pergunta* que orienta o grafo do desejo. A inibição se apresenta como tática de defesa que resiste ao desejo do Outro, enigma que provocaria a emergência da angústia.

Recordamos, aqui, o comentário de Lacan no sentido da inibição como paralisação do desejo e a angústia como sinal do próprio desejo; e evocamos o sujeito de nosso estudo. Melina refugiou-se na inibição como forma de se opor ao desejo da mãe. Mas a angústia, que não engana, nem mente, mantinha-se ali, sinalizando o

movimento latente do desejo. No seu percurso de tratamento, ela pode desvelar suas demandas evidenciando sua posição petrificada diante do Outro, relatando cenas traumáticas, elaborando alguns conflitos, podendo se responsabilizar por suas escolhas, o que a levou a realizar retificações subjetivas. Lembramos a visita de Melina à sua família e sua convicção, ao retornar, de não mais se submeter aos caprichos de sua mãe. Podemos dizer que, neste momento, se deu uma retificação subjetiva. Melina sai de uma posição, onde se submetia ao que, supostamente, seria o desejo da mãe, para lançar-se em busca de seu desejo, sem garantias, sem saber se conseguiria, apenas voltando a andar.

Poderíamos nos questionar como a inibição se apresenta neste caso clínico, juntamente com a angústia, já que, uma trata-se da paralisação do desejo e a outra sinal deste. Arrisco-me a responder que, ainda que Melina tenha lançado mão da inibição para se proteger de ter que se defrontar com seu próprio desejo, uma defesa não consegue proteger o sujeito completamente. |Sempre algo escapa, há um resto. É aí que entra a angústia, denunciando o que está por trás dela: a castração.

Nesse caso clínico, a inibição se faz presente na detenção do desempenho escolar acompanhada de fenômenos que, em Melina, se apresentam carregados de certa gravidade, a angústia e o *acting-out*. A presença da inibição funcionava como impedimento ao acesso ao ato, mas não às atuações. Assim, tomamos como resposta atuada as escarificações em suas pernas e braços e o roer as unhas dos pés e das mãos até sangrarem. Esses *actings-out* denunciavam a angústia como sinal de perigo. Apenas no momento em que Melina sentiu-se totalmente só, despossuída da fantasia de um dia sentir-se amparada pela mãe, é que ela, dizendo-se desejosa de terminar seu curso universitário e de não mais voltar a morar em sua cidade natal, finalmente, fez das palavras, ação. Momento de concluir, em ato, o desejo de dispensar as amarras do gozo

e criar seu próprio movimento desejante. Neste momento, o desejo fez-se motor e a inibição pode ser ultrapassada.

Podemos dizer que o objetivo da Psicanálise é desvelar a falta no Outro e colocá-la na mira do analisante. Assim, diante da questão *Che Vuoi?* o que a análise oferece é o encontro com o $S(A)$, a castração do Outro, o que remete à sua própria castração. Conforme pudemos constatar ao longo do trabalho, tomando o grafo do desejo apresentado no capítulo anterior, verificamos que para chegarmos à $S(A)$, o encontro com o desejo do Outro, à castração, temos que fazer o atravessamento pela fantasia, $\$ \diamond a$, e, no percurso entre a fantasia e o $S(A)$, encontramos a angústia. A angústia que, apesar de sua função-chave, não será o objetivo. Ela sinaliza uma situação decisiva. Por ser o desejo inacessível ao sujeito, é a fantasia que viabiliza, ainda que de forma indireta, a relação do sujeito com seu desejo.

A psicanálise, através de seu dispositivo, falar sob transferência, oferece um novo destino para a inibição, na medida em promove a articulação da cadeia significante colocando o desejo do Outro em cena, o *Che vuoi?* Isso poderá levar o sujeito a tirar o sintoma do museu, permitindo-lhe ceder gozo decorrente de sua posição. Acreditamos que Melina, ao ceder gozo, saiu da inibição promovendo um novo arranjo. Foi o desejo que a trouxe para sua trilha, circunscrevendo seu caminho. O desejo tomou corpo e suas dificuldades escolares, não totalmente superadas, puderam ser ultrapassadas. Ela, agora, tem recursos próprios para fazer laço com o mundo.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, E. (2006). Angústia de castração e outras angústias. *Curinga*, 22, 55-69.
- Baas, B. (2001). *O desejo puro*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Barros, R. R. (1997). Eu ideal, ideal do eu e o resto. *Latusa*, 1, 19-33.
- Besset, V. L. (2000). Inibição e sintoma: a angústia na clínica hoje. In *Psyche*, 4(5), 29-37.
- Besset, V. L. (2005). Ato e Angustia. *Latusa digital*. Recuperado de http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_19_a1.pdf.
- Boni Junior, J. O. (2010). *O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Birman, J. (1992, março). A clínica na pesquisa psicanalítica. *Psicanálise e Universidade – Revista do Núcleo de pesquisa em Psicanálise da Pós-graduação da PUC/SP*. 2º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise, realizado em 1994, São Paulo, 2, 7-37.
- Brepohl, D. D. (2012). *As psicoses na obra de Freud à luz da categoria do estranho*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Campos, E. B. V. (2004). A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica. In *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 7(1), 87-107. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1516-14982004000100006.
- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, 7(2), 145-174.
- Caon, J. L. (1996). A refundação da experiência psicanalítica na pesquisa universitária a partir da apresentação psicanalítica de pacientes. In *Pesquisa em psicanálise*. Belo Horizonte: Anpep.
- Caravelli, S. A. L. (2009) *A passagem ao ato suicida e seus antecedentes nas afecções da inibição e da impulsividade: paixão, neurose obsessiva e toxicomanias melancolizadas*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Tese de doutorado.
- Castilho, P.T. (2007). Uma discussão sobre a angustia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. *Revista do departamento de psicologia*. UFF, 19(2), 325-337. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000200004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-80232007000200004.

- Cattapan, P. (2011). Falo versus criatividade. *Estudos de Psicanálise*, 35, 93–102.
- Chediak, G.F. (2007). *Sobre a angústia: um ensaio psicanalítico*. Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado.
- Coelho dos Santos, T (1991). A pulsão é pulsão de morte?. In *Revista do Tempo Psicanalítico*, 25, RJ: SPID.
- Consentino, J. (1995). A função da angústia. *Revista Letra Freudiana*, 15, 101-119.
- Coppus, A. N., Bastos, A. (2012). O corpo na neurose obsessiva. In *Psicologia Clínica*, 24(2), 115-125. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-5665201200020009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-56652012000200009.
- Costa-Moura, F. & Costa-Moura, R. (2011). Objeto a: ética e estrutura. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, 14(2), 225-242. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000200005>
- Couto, L. V. & Chaves, W. C. (2009). O trauma sexual e a angústia de castração: percurso freudiano à luz das contribuições de Lacan. In *Psicol. clin.* 21(1), 59-72. ISSN 0103-5665. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652009000100005>.
- Dias, M. G. L. V. (2006). O sintoma: de Freud a Lacan. *Psicol. estud.* 11(2), 399-405. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200019>.
- Diniz, M. (2006). A relação com o saber para a psicanálise. In *Psicanálise, Educação e Transmissão*. São Paulo. Recuperado de: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100049&script=sci_arttext
- Freud, S. (1970). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XI, pp. 53-124). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1910)
- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XIV, pp. 85-125). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1914)
- Freud, S. (1974). O inconsciente. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XIV, pp. 185-245). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915a)
- Freud, S. (1974). *Repressão*. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XIV, pp. 165-182). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915b)
- Freud, S. (1976). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. In *Obras Psicológicas completas*

- de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. III, pp. 103-138). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1895)
- Freud, S. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. VII, pp. 123-250). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. IX, pp. 211-228). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1908)
- Freud, S. (1976). *Conferência XXV – A angústia*. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XVI, pp. 457-479). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1917)
- Freud, S. (1976). O estranho. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XVII, pp. 273-318). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1919)
- Freud, S. (1976). *Além do princípio de prazer*. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XVIII, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976). Dois Verbetes de Enciclopédia: Psicanálise e A Teoria da Libido. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XVIII, pp. 285-312). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1922)
- Freud, S. (1976). O ego e o Id. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XIX, pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923)
- Freud, S. (1976). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XIX, pp. 303-320). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1925)
- Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e angústia. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XX, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1926)
- Freud, S. (1976). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. XXII, pp. 103-138). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1933)
- Freud, S. (1977). *Rascunho A*. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 245-247) Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1892)

- Freud, S. (1977). Rascunho B: a etiologia das neuroses. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 247-255). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1893)
- Freud, S. (1977). Rascunho E. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I pp. 261-269) Rio de Janeiro; Imago. (Texto original publicado em 1894a)
- Freud, S. (1977). Carta 18. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 259-261). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1894b)
- Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 381-517). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1895)
- Freud, S. (1977). Carta 46. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 311-316). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1896)
- Freud, S. (1977). Carta 69. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 350-352). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1897)
- Freud, S. (1977). A interpretação dos sonhos. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. I, pp. 446-452). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1900)
- Freud, S. (1977). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (J. Salomão, trad., Vol. X, pp. 13-154). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1909)
- Fuks, B. B. (2001). Notas sobre o conceito de angústia. *Estudos de Pesquisa em Psicologia*. Recuperado de: www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%201%20-%20V1N1.pdf
- Garcia, A. (1998). Inibição: não saber do não sabido. *Letra Freudiana - A Criança e o Saber* - Rio de Janeiro: Revinter, 23, 78-82.
- Garcia-Roza, L. A. (1994, fevereiro). Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e Universidade*. Revista do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise da Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP. 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise, realizado em 1991, São Paulo, 1, 9-32.
- Gonçalves, D. M. F. (2006). A fantasia precursora dos sintomas. *Pulsional*, ano XIX, 186, 37-41.
- Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, 4(1), 85-101. Recuperado de:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000100006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1516-14982001000100006.

- Greco, M. (2011, novembro). Os *espelhos* de Lacan. *Opção Lacaniana*, 6. Recuperado de:
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf
- Harari, R. (1997). *O seminário “A angústia”, de Lacan – uma introdução*. Porto Alegre: Artes Ofícios.
- Henckel, M. & Berlinck, M. T. (2003). Considerações sobre inibição e sintomas: Distinções e articulações para destacar um conceito do outro. *Estilos clin*, 8(14), 114-125. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/45963>
- Hoffman, E. (1944). *Contos Fantásticos*. São Paulo: Cultura.
- Iglesias, E. L. (1996). Aspectos topológicos do grafo do desejo. In *Cogito*. 1 , 29-33. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94791996000100006&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1519-9479.
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). O seminário, livro 8: A transferência. Texto estabelecido por Jacques-Allan Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In: Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, pp. 807-842 (Obra original publicada em 1966a).
- Lacan, J. (1998) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp 653-691 (Obra original publicada em 1966b).
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O seminário: livro 5, As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lima, M. S. A. & Lima, M. C. P. (2010). As contribuições de Freud para o debate sobre educação e inibição intelectual. In *Proceedings of the 8th O declínio dos saberes e o mercado do gozo*. Recuperado de: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032010000100003&lng=en&nrm=iso .
- Lima, M. C. P. & Martins, K. P. H. (2011). Inibição, sintoma e ato: sobre os destinos do saber na adolescência. In *Proceedings of the 8th O declínio dos saberes e o mercado do gozo*. Recuperado de: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032010000100042&lng=en&nrm=iso.
- Lima, M. S. A. & Lima, M. C. P. (2011). *Dos discursos freudianos sobre a educação: considerações acerca da inibição intelectual*. PSICO. 42(2), 212-219. Recuperado de: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6641/6523
- Lins, Tatiana & Rudge, Ana Maria.(2012). Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica. *Trivium* [online]. vol.4, n.2 , pp. 12-23 . Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000200003&lng=en&nrm=iso. ISSN 2176-4891
- Lispector, C. (1999). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lopes, B. L. A. (1998). Inibição: lugar de uma pergunta. *Letra Freudiana – A Criança e o Saber* - Revinter, 23, 83-86. Recuperado de: <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra23/015.pdf>.
- Lustoza, R. Z. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, 4(1), 44-66.
- Macedo, Elza. (2008). Angústia. *Instituto de Psicanálise Lacaniana*. IPLA. São Paulo. Recuperado de: www.psicanaliselacanianana.com/estudos/.../Angustia-ElzaMacedo.pdf
- Martins de Almeida, F. G. (2010). Falo, objeto a e fantasia: contribuições de Jacques Lacan na clínica com crianças. In *Psicologia Clínica*. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200032&script=sci_arttext ISSN 0103-5665.
- Maia, A. B., Medeiros, C. P. & Fontes, F. (2012). O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. In *Estilos clin*, 17(1), 44-61. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46133>.
- Mattos Filho, C. R. (2009). *A marca do enigma da linguagem na metáfora paterna: a castração que traumatiza é a mesma que apazigua?* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.

- Miller, J.A. (1998). O sintoma como aparelho. In *O sintoma-charlatão*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 9-21.
- Miller, J. A. (2005, maio). Introdução à leitura do Seminário 10 de Jacques Lacan. In *Opção Lacaniana*. São Paulo: Eólia, 43.
- Monzani, L. (1989). *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas: UNICAMP.
- Nogueira, L.C. (2004, maio). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15(1-2), 83-106. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-65642004000100013.
- Novais, M. A. A. (2005). Como se faz corpo? Considerações sobre Freud e Lacan. *Revista Pulsional* Ano XVIII, 182, 40-47. Recuperado de: www.editoraescuta.com.br/pulsional/182_04.
- Pereira, M. E. C. (2002). Sim ou Não. A angústia e a voz do Outro. In Besset, V. L. (Org.). *Angústia*. São. Paulo: Escuta.
- Rabinovich, D. (2005). *A angústia e o desejo do Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angustia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.
- Rodrigues, G. V. (2007). a-CESSOS AO REAL – *Epistemo-somática*. Belo Horizonte, 4(1), 62-68.
- Sangfredó, M. (2007). *A fantasia na clínica psicanalítica – travessia e mais além*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica e Cultura-Universidade de Brasília. UNB.
- Santiago, A. L.(2005). *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sartore, A. R. (2006). Escrita e angústia. In *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6, São Paulo. Recuperado de: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100019&lng=en&nrm=abn.
- Schejtman, F. (2006a, junho). Angústia, interpretação e gozo do outro. *Curinga*, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, seção Minas, n.22, 37-54.
- Schejtman, F. (2006b, junho) Encadeamentos e desencadeamentos da angústia. *Curinga*, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, seção Minas, 22, 55-69.
- Sirelli, N. M. (2010). *Alienação e separação: a lógica do significante e do objeto na constituição do sujeito*. Universidade Federal de São João del Rei. Dissertação de mestrado.

- Souza, R. T. (2007). *Mal estar na escola: uma leitura psicanalítica da dificuldade de aprendizagem*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Dissertação de Mestrado.
- Stenzel, M. (2011). *O ato na adolescência: entre a demanda social e a ética da psicanálise, uma direção de tratamento possível*. Universidade Federal do Paraná. Dissertação de Mestrado.
- Sternick, M. V. C. (2010). A imagem do corpo em Lacan. *Reverso*. 32(59), 31-37. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952010000100004&script=sci_arttext.
- Torres Neto, H. (2011). *Desamparo e angústia em inibições, sintomas e angústia de Sigmund Freud*. Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de Mestrado.
- Vicente, S. (2000). Simbolicamente real. *Revista Latusa*, nos 4/5 Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro.
- Vieira, M. A. (2001). *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vilanova, A. (2010). Um corpo, três registros: RSI. Considerações sobre o fenômeno psicossomático. In *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, 13(1), 63-79. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982010000100005>.
- Viola, D. T & Vorcaro, A.R. (2011). A verdade e o engodo do desejo na leitura do seminário a angústia de Jacques Lacan. *Ágora: Estudos em teoria Psicanalítica*, 14(1), 77-93. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000100006>
- Viola, D. T. & Vorcaro, A.R. (2009). A formulação do objeto *a* a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, 9(3), 867-903.
- Viola, S. M. C. (2008). *Trabalho de luto e experiência analítica: transitoriedade e contingência*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado.
- Zimmermann, V. B. (2009). *A contribuição da psicanálise frente às dificuldades de aprendizagem*. Recuperado de: www.tekowam.com/verabzimmermann/contribuicao.html.